



COLEÇÃO
COMUNICAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS



CULTURA ARTÍSTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA V DE VINGANÇA

LUCAS BRILHANTE VELOSO
ELÓI MARTINS SENHORAS



**CULTURA ARTÍSTICA E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS: REFLEXÕES A PARTIR
DA OBRA V DE VINGANÇA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR



Reitora:
Gioconda Santos e Souza Martinez

Vice-Reitor:
Reginaldo Gomes de Oliveira

Pró-Reitora de Graduação:
Fábio Luiz Wankler

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR:
Cezário Paulino Bezerra de Queiroz

CONSELHO EDITORIAL

Alexander Sibajev
Ana Lia Farias Vale
Avery Milton Veríssimo de Carvalho
Cássio Sanguini Sergio
Fábio Luiz Wankler
Guido Nunes Lopes
Gustavo Vargas Cohen
Leonardo Uilan Dall Evedove
Luís Felipe P. de Almeida
Marisa Barbosa Araújo Luna
Rileuda de Sena Rebouças
Rodrigo Schutz Rodrigue



Editora da Universidade Federal de Roraima
Campus do Paricarana – Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto - CEP.: 69.304-000. Boa Vista - RR - Brasil
Fone: +55.95.3621-3111 e-mail: editoraufrr@gmail.com

A Editora da UFRR é filiada à:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR



CULTURA ARTÍSTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA V DE VINGANÇA

LUCAS BRILHANTE VELOSO
ELOI MARTINS SENHORAS

Copyright © 2014

Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



NÚCLEO DE PESQUISA SEMIÓTICA DA AMAZÔNIA

EXPEDIENTE

<u>Revisão:</u> Lucas Brilhante Veloso	<u>Organizadores da Coleção</u> Elói Martins Senhoras Maurício Zouein
<u>Capa:</u> Berto Batalha Machado Carvalho Tércio Araújo da Silva Neto	<u>Conselho Editorial</u> Antônio Tolrino de Rezende Veras Charles Pennafortte Elói Martins Senhoras Maurício Elias Zouein Sandra Gomes Sônia Costa Padilha
<u>Projeto Gráfico e diagramação:</u> Rita de Cássia de Oliveira Ferreira	

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

V443c

VELOSO, Lucas Brilhante; SENHORAS, Elói Martins. Cultura artística e relações internacionais: reflexões a partir da obra V de Vingança. Boa Vista: Editora da UFRR, 2014. 196 p.

Coleção Comunicação e Políticas Públicas, v. 10. Organizadores: Elói Martins Senhoras; Maurício Elias Zouein.

ISBN: 978-85-8288-039-5

1 – Relações Internacionais. 2 - Cultura artística. 3 – V de Vingança. 4 – Política. Internacional.

I – Título. II – Veloso, Lucas Brilhante. II – Senhoras, Elói Martins. III – Série

CDU – 327:7.01

FICHA CATALOGRÁFICA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRR

A exatidão das informações, conceitos e opiniões são de exclusiva responsabilidade do autor.

EDITORIAL

O Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), criou a “Coleção Comunicação & Políticas Públicas” com o objetivo de divulgar livros de caráter didático produzidos por pesquisadores da comunidade científica que tenham contribuições nas amplas áreas da comunicação social e das políticas públicas.

O selo “Coleção Comunicação & Políticas Públicas” é voltado para o fomento da produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância científica e didática para atender aos interesses de ensino, pesquisa e extensão da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo.

As publicações incluídas na coleção têm o intuito de trazerem contribuições para o avanço da reflexão e da *praxis*, seja na comunicação social, seja nas políticas públicas, e para a consolidação de uma comunidade científica comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates nestas áreas.

Concebida para oferecer um material sem custos aos universitários e ao público interessado, a coleção é editada nos formatos impresso e de livros eletrônicos a fim de propiciar a democratização do conhecimento sobre as relações internacionais *lato sensu* por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Elói Martins Senhoras, Maurício Elias Zouein
(Organizadores da Coleção Comunicação & Políticas Públicas)

A minha família, Conceição, Josué e Marjorie, que nunca deixaram faltar em minha vida cinema, música, quadrinhos e principalmente, amor.

Lucas Brilhante Veloso

Aos meus pais, Acyr e Maria, bem como a minha linda companheira, Ariane Raquel, os quais sempre têm sido fontes de constante orientação e inspiração.

Elói Martins Senhoras

APRESENTAÇÃO

O presente livro desenvolve uma reflexão sobre o processo cultural artístico nas relações internacionais ao tomar como referência debates conceituais e teóricos, bem como temas históricos e contemporâneos nas relações internacionais à luz do estudo de caso da *graphic novel* ‘V de Vingança’.

A análise parte de uma perspectiva heterodoxa que valoriza temas que aparentemente são considerados marginais no estudo internacionalista, tais como o cinema, os quadrinhos, a história da arte e a música, a fim de mostrar que a dinâmica internacional é mais complexa e absorvente em relação às simplificações do *mainstream* científico.

Os temas culturais e artísticos são trazidos à discussão como variáveis de vanguarda para o avanço da fronteira de estudos em relações internacionais, ao proporcionar, à luz do pós-modernismo, uma verdadeira virada na compreensão de como se desenvolvem as relações internacionais.

Com base no pós-modernismo, o presente livro demonstra como temas considerados de periferia apresentam uma verdadeira riqueza analítica, ao revelar a complexidade da construção das

relações internacionais por meio da identificação de uma pluralidade de temas e atores.

Por um lado, o livro objetiva mostrar como a manifestação de determinados temas da realidade internacional influencia historicamente no desenvolvimento de determinadas dinâmicas culturais com reflexo nas produções artísticas.

Por outro lado, os processos culturais e artísticos são trazidos ao debate para mostrar os seus impactos e influências na moldagem orgânica das principais dinâmicas centralizadas e descentralizadas das relações internacionais.

O livro demonstra que o sistema internacional é permeado por uma contínua construção autopoética cujos vetores culturais e artísticos não apenas influenciam a dinâmica das relações internacionais, mas também é influenciada pela própria realidade internacional.

Com base nestas discussões, o livro parte da tese que a crítica pós-moderna tem um papel de destaque para desmitificar tradicionais teorias de uso corrente nas relações internacionais, tomando como estudo de caso a leitura da obra de Alan Moore, a fim de demonstrar como os debates de seu *graphic novel* ‘V de Vingança’ nos anos 1980 passam a serem reescendidos sobre outros tons no início do século XXI.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 Cultura artística, artes e relações internacionais	25
CAPÍTULO 2 A realidade da política internacional influenciando a arte	73
CAPÍTULO 3 Cultura artística e sua influência na realidade internacional	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175
SOBRE OS AUTORES	187

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Naturalmente está acontecendo dentro da sua cabeça, mas por que é que isto deveria significar que não é verdadeiro?

Alvo Dumbledore

A amplitude de mudanças que ocorrem nas relações internacionais e seus estudos são constantes, debater o crescimento de teorias vem se tornando uma ferramenta de fundamental importância, ainda mais quando se têm novas áreas se acoplando. Sendo assim, a cultura artística, que engloba história da arte, música, cinema, história em quadrinhos, entre tantos, chega como um ponto importante para o estudo pós-moderno das relações internacionais.

Existe uma dimensão de assuntos relacionados à cultura nas relações internacionais, porém são pouco trabalhados. No caso, a proposta de trabalhar com a cultura artística seria, assim, um referencial para a comunidade científica, trazendo outras áreas como a Antropologia e a Sociologia, para “perto” das Relações Internacionais.

O campo de estudo das relações internacionais traz temas desde os mais clássicos como questões sobre a soberania, segurança, neoliberalismo, até os mais novos, e que recentemente foram

inseridos nas agendas das relações internacionais, como as revoluções democráticas que acontecem no século XXI, e em casos, que serão apresentados, o meio artístico é sempre presente.

Abordando novas ideias, a reflexão trazida pelo texto é de que talvez a arte precise ser vista como um estudo do passado, do presente e do futuro nas relações internacionais. Existe uma profundidade muito grande entre os acontecimentos sociais e a cultura, e a versatilidade dos estudos de vanguarda, relacionando cinema, música e quadrinhos com teorias clássicas como o realismo, o que prova que “a existência de um pluralismo metodológico e o fim das muitas divisões existentes entre diferentes campos do saber é preciso” (FEYERABAND, 1977, p. 45).

A partir do cenário apresentado, a leitura sobre a cultura artística se envolta com a realidade internacional, em fatos históricos. As artes e as relações internacionais sempre estiveram ligadas, não só com questões de guerras, mas também com focos em interpretações sobre política, e até a atual economia-mundo.

Sob o ponto de vista das Relações Internacionais, adotou-se como marco teórico a crítica pós-moderna. A história da disciplina das Relações Internacionais mostrou que, em dado período, passou-se a contar com contribuições críticas de diversas teorias, a revelar suas limitações inerentes, e que “a partir da década de 1980, sopram novos rumos nas Relações Internacionais (RI). Tratava-se de um

conjunto de críticas que, tomadas como um todo sinalizava o reconhecimento, talvez implícito de que o ramo de RI vivia tempos de crise” (RESENDE, 2011, 10).

Nesse movimento focado na crise da modernidade, e consequentemente na crítica pós-moderna, figuras importantes, como os autores, Richard Ashley e Robert Cox, passam a defender a teoria, e explicam que o pós-moderno realmente não tem explicação, e vai contra qualquer tipo de teoria que importe pensamentos positivistas, já que não funcionam tão bem para explicar a realidade internacional. A teoria permitiu entender o grande poder da desconstrução das ideias, em que a cultura pode apresentar temas como o pós-colonialismo, e a falta de razão para a exclusão da África pelos países com pensamentos em teorias tradicionais, por exemplo.

O presente livro foi dividido em três capítulos. O capítulo 1 percorre pela montagem do cenário internacional envolvendo a teoria pós-moderna e a cultura artística. Portanto, a renegação ao pós-moderno é despercebida quando se fazem as analogias envolvendo filmes, músicas e quadrinhos, os temas de vanguarda, no caso, com as teorias clássicas, como o Realismo e o Liberalismo.

Existe a reversão de valores no capítulo 1, das teorias de Relações Internacionais, até chegar ao momento em que a análise faz uma autocrítica, com uma comparação da crítica pós-moderna com

as artes consideradas pós-modernas, porém sem muita definição, ou “congelamento” de ideias, já que a própria crítica não apresenta qualquer conceito. Então, se acolhe a visão terceiro mundista, onde questões de gênero, pós-colonialistas e música eletrônica se conectam para a tentativa de humanização da área de RI.

Possivelmente, a cumplicidade entre artes e relações internacionais é pouco trabalhada, porém, aos poucos vai se expandindo graças aos estudos de vanguarda, que são relacionados à crítica pós-moderna. As teorias clássicas são importantes, mas é necessário uma reavaliação da área, para possíveis contribuições de outros estudos da área das ciências humanas, como a Sociologia, ou a Antropologia.

Assim, a cultura artística e as Relações Internacionais demonstram uma parceria, tornando a área um centro de multiculturalidade, onde debates sobre direitos humanos mantêm um diálogo com grandes produções hollywoodianas, e problemas ambientais são criticados por meio do pós-rock, apresentando uma alternativa, não se excluindo as teorias clássicas, mas sim as humanizando.

O capítulo 2, por sua vez, discorre sobre a realidade político-internacional influenciando a arte, e em como as relações internacionais vão interagindo com a história da arte, e influenciando

a realidade internacional até os tempos pós-modernos e a revolução de ideais do final da década de 1980, e começo dos anos 1990.

Com a evolução da história da arte, dos movimentos realistas até o pós-modernismo de Andy Warhol, o processo de mudança no cenário internacional e artístico, se entrelaçam com movimentos revolucionários, até chegar as desesperanças juvenis dos anos 1980 e 1990.

Nesse período, o mundo criado pelos artistas das *graphic novels* é sem esperanças, porém, de uma realidade devastadora, trazendo a ideia de Alan Moore sobre ‘V de Vingança’ e seus ideais de revolução contra o governo de Margareth Thatcher em sua era neoliberal.

Com a chegada dos anos 1980, surgem dificuldades para o mundo globalizado, em que o medo e a paranoia tomavam conta, e andavam de mãos dadas com a política e o conservadorismo. Os artistas daquele tempo expressavam sua realidade com a indignação à sociedade alienada, e que regredia no pensamento sobre liberdade.

A influência política e histórica cai sobre as histórias em quadrinhos, em uma versão mais adulta e sombria, popularmente conhecida como a *graphic novel*. Certas *graphic novels* tratavam de questões como liberdade, anarquia, medo, regimes, terrorismo e política, e o mundo criado pelos artistas da época como Alan Moore,

é sem esperanças e desolador, porém luta contra um sistema e crítica à volta do conservadorismo de Margareth Thatcher.

Originando a *graphic novel* ‘V de Vingança’, a crítica de Alan Moore traz o enredo fictício após o fim de um conflito político, com campos de concentração desativados e a população complacente com a situação, até que surge o terrorista ‘V’, possuidor de habilidades e recursos, que vai lutar contra uma nova ditadura, porém seus meios de resolver as questões políticas da Inglaterra não são nada convencionais.

O anarquista usa uma máscara de Guy Fawkes, um soldado inglês que teve participação na “Conspiração da Pólvora”, na qual se pretendia assassinar o rei protestante Jaime I da Inglaterra, e todos os membros do parlamento, durante uma sessão em 1605. ‘V’ inicia uma campanha para derrubar o Estado, e no processo conhece Evey, uma garota que perdeu os pais durante a guerra. Tratada por ‘V’ como aprendiz, e apresentada para um passado de cultura perdida, causada pela ditadura.

O interessante é a mistura de pensamentos e ideias, que nos faz refletir a cada página da *graphic novel*, e o envolvimento com a realidade internacional apresentada, os temas da crítica pós-moderna estão nas entrelinhas de ‘V de Vingança’, incluindo os pensamentos revolucionários, e o questionamento ao positivismo.

Um dos pontos do livro é apresentar ao leitor a “dissecação” da obra ‘V de Vingança’, e após o cenário montado, no primeiro capítulo, essa nova parte tenta cerrar a discussão sobre a realidade internacional, com a analogia entre a crítica pós-moderna de Richard Ashley sobre o cenário criado pelas teorias clássicas, como o Realismo, e o cenário de anarquia criado por Alan Moore em ‘V de Vingança’, tornando a ideia de inserir o caos até crível nos longínquos anos de 1980.

No capítulo 3 se apresenta o envolvimento da arte na influência das relações internacionais, e em como a evolução histórica da humanidade, voltada para política e economia, precisa de movimentos culturais para que estratégias estatais funcionem, e que certas revoluções aconteçam.

O capítulo 3 funciona como o um espelho do capítulo 2. Os exemplos de cultura eram focados na questão da história da arte, porém nessa última discussão é na crítica ao contemporâneo como, a diplomacia e a paradiplomacia, e as metalinguagens envolvendo o cinema de ‘Argo’, e a revolução sexual causada por livros aparentemente sem nenhuma ligação com o cenário internacional como ‘Cinquenta Tons de Cinza’.

São proporcionados no texto os movimentos relacionados ao desenvolvimento da sociedade-mundo de Wallerstein, em que

minissistemas e macrossistemas apresentam a necessidade de cultura artística para o desenvolvimento bem sucedido do meio político e econômico, seja em períodos passados, como o Egito Antigo, até a atual economia-mundo, passando aos tópicos de diplomacia e paradiplomacia cultural.

Por ser maior e mais complexo que seus antecessores, o capítulo 3 é dividido em três partes, mas contendo uma divisão no terceiro tópico em duas partes, que retorna à discussão de ‘V de Vingança’, enfrentando a realidade da cultura se utilizando os ideais da *graphic novel*, e da adaptação para o cinema no pós-11 de setembro, para apresentar o cenário contemporâneo que exponham a Primavera Árabe, e *hackers* autônomos que derrubam redes com o poder da internet.

Sendo assim, as situações históricas envolvendo a política, e a economia, precisam passar por uma fase cultural para se sobressair, e os exemplos são do que acontece quando a arte se junta com a realidade. No plano de fundo, o poder da obra ‘V de Vingança’, tanto a *graphic novel* como o filme, tenta completar a discussão relacionada às novas mídias, e as revoluções que acontecem ao redor do mundo.

Desse modo, o trabalho busca a interpretação da cultura artística nas relações internacionais, e na investigação sobre novos temas que surgem na agenda internacional como, a questão de

gênero. Além disso, é visada uma proposta de referencial para a comunidade acadêmica não só das Relações Internacionais, mas também da Sociologia e Antropologia, como uma ferramenta de estratégia de aproximação com os novos métodos, cabendo uma reavaliação de ideologias e ideias, e que possamos dar valor aos meios não tradicionais de se estudar as relações internacionais.

CAPÍTULO 1

Cultura artística, artes e relações
internacionais

CULTURA, ARTES E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Para desenvolver esse trabalho, escolheu-se, dentro das teorias de relações internacionais, o pós-modernismo, pois a sua finalidade é esclarecer os temas de vanguarda estudados na agenda internacional como a cultura artística, e qual a ligação com as ideias relacionadas ao cinema, a música e a literatura alternativa das histórias em quadrinho. Além disso, a teoria pós-moderna se relaciona com os temas periféricos como o pós-colonialismo, que são os novos meios de se estudar relações internacionais do século XXI, para trazer o que existe de alternativo, e necessário, na reavaliação sobre a identidade cultural.

Portanto, existe uma credibilidade na teoria pós-moderna que em muito tempo é renegada pelas teorias mais clássicas, como o Realismo e o Liberalismo, porém o estudo feito a partir do ponto de vista artístico e cultural introduz uma nova forma de aprendizado sobre a política internacional. Analisando temas de guerra, ou sobre a globalização, a arte e suas vertentes pós-modernas apresentam um mundo sem “fronteiras” para a interpretação e reversão de valores das teorias de Relações Internacionais.

Em um primeiro momento, a imagem relacionada à guerra é da teoria realista, e cada representação citada, filme, música e

movimentos literários dos quadrinhos passam a oferecer sua visão de como o estudo das relações internacionais se diversificam e não é restrito a um conceito fechado, voltado apenas para literatura ou artigos científicos de um grande autor político.

Em um segundo momento, surge o processo da teoria liberal e o crescimento da globalização econômica, apresentando a interconectividade do mundo político e social, retornados para o final dos anos 1980 e 1990, e os novos preceitos do consumismo desenfreado do século XX.

De maneira similar, no terceiro momento surge a análise do século XXI, em que o pós-modernismo acolhe a visão terceiro mundista, em que surgem questões de gênero, pós-colonialistas, críticos e novos questionamentos.

Dessa maneira, a cultura artística e as relações internacionais se tornam parceiras, tornando a área em um centro de multiculturalidade, em que debates sobre direitos humanos dialogam com grandes filmes de Hollywood e problemas ambientais são criticados por meio da música eletrônica, apresentando assim um meio alternativo sobre o questionamento da essência, não excluindo as teorias clássicas, mas apenas as humanizando.

A CULTURA ARTÍSTICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O estudo da cultura é muito importante nas relações internacionais, haja visto que houve uma semiotização¹ cultural, no caso, um deslocamento da periferia para os estudos relacionados a imagens em movimento, e em 1990 chegou aos debates internacionais graças a autores como Wendt (1989), devido aos seus fundamentos antropológicos relacionados à cultura, sendo aplicados às relações internacionais, e apoiando-se na antropologia e na Sociologia.

A cultura atua sob diferentes aspectos e dimensões em todas as esferas da sociedade internacional, assim, se adota a interação com um conjunto de elementos e estruturas sociológicas que ajudam a moldar a base no processo de estudo das relações internacionais. De um ponto de vista tradicionalista, na história do estudo antropológico a definição de cultura não é de realidade pacífica, pois a cultura não estuda apenas termos antropológicos ou humanísticos, também se refere às realidades abstratas.

¹ A palavra semiotização deriva do campo epistemológico. “O conceito de Semiótica é o estudo dos signos, e suas ações. Já o signo é entendido como aquilo que representa algo para alguém. Os signos, que podem ser objetos, símbolos, palavras, desenhos, e eles representam e transmitem alguma informação, ou várias informações, para nós.” (SCHIAVENIN, 2010, p.20)

Portanto, a cultura pode vir a ser figuras e conhecimentos de um indivíduo, até a condição privilegiada do "Homem culto". Também se refere a épocas ou regiões com características, como a cultura do século XX ou a cultura veneziana, e até a noção de extremos preconceitos, com a de homens evoluídos e não evoluídos, com o pensamento de povos com e sem cultura.

De um ponto de vista reflexivista e crítico, para se afastar destas noções limitativas, a Antropologia estuda os costumes e tradições dos povos, e assim se esclarece que cultura são conjuntos de elementos que um indivíduo aprende ao longo da sua vida, elementos estes que variam desde a língua à religião, passando pela estética da arte e o modo de ver o mundo de maneira ampliada, logo, padrões de comportamento que o indivíduo seguiu e aprendeu ao longo da vida são considerados cultura.

Sendo assim, as ideias atrás das nossas ações são cultura, e a mesma cultura é o produto do pensamento do indivíduo, “Leslie White, antropólogo norte-americano contemporâneo, considera que a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro do homem foi capaz de gerar símbolos” (LARAIA, 2001, p.4).

Por consequência, uma das grandes dificuldades em definir o que é exatamente cultura, vem do fato de que ela não é algo palpável, mas sim uma ideia. Não é o que é feito, mas sim o modo como se

pensa. No caso, a ideia dos símbolos foi necessária para, talvez, se ter uma base sobre a cultura que conhecemos atualmente.

Um quadro não é cultura, por exemplo, mas sim o resultado da cultura que o indivíduo vivenciou, e se o quadro demonstrar o sofrimento causado pela Segunda Guerra Mundial, as pessoas de uma determinada cultura “x” vão se sentir tocadas e compreender o desejo de paz transmitido pela arte, pois faz parte daquela cultura o sentimento de horror às atrocidades cometidas na guerra.

Se for um quadro feito por alguém de uma cultura “y”, que incentiva a guerra pelo simples desejo de lutar, por exemplo, então as pessoas da cultura “x” vão se sentir ofendidas, pois este é um princípio contrário aos ideais daquele povo.

Segundo o pensamento pós-moderno, a cultura tem grande valor para as relações internacionais, e os fundamentos antropológicos estão em ampla interconexão com os assuntos globais, como, negociações, ciência política, resolução de conflitos para a paz, estratégias, cooperação, integração, desenvolvimento e transnacionalismo.

A partir do princípio de que o tema da dimensão da cultura nas relações internacionais vai além da proposta de ser um referencial para a comunidade científica e acadêmica da antropologia, sociologia e das relações internacionais. A cultura

artística e os estudos de vanguarda viabilizam servir como estratégias de aproximação entre esses estudos para uma possível tentativa de resolver assuntos do cenário político internacional.

A questão cultural traz a visão de várias vertentes a serem estudadas no campo da arte. No campo visual, sendo o cinema, por exemplo, um dos objetos de estudo. Sua via é uma análise semiótica visual, um olhar sobre “como fundamento do signo entende-se, nas representações culturais, que são todos os componentes culturais, próprios do grupo social e que foram amalgamados, no tempo, no imaginário daquele mesmo grupo” (CASTRO, 2007, p. 2).

Como é possível perceber, a questão visual sobre a cultura trata da interpretação das imagens, objetos e até mesmo expressões corporais, para uma noção de ideias e sentimentos, da mesma forma que um indivíduo assiste a um filme de guerra, e eventualmente, acaba utilizando a semiótica visual para originar ideias e pensamentos quanto aos problemas sociais que trouxeram aquele panorama.

Então, a análise é feita no campo sonoro e musical, muito suscetível nas relações internacionais, e não só a música como um hino nacional ou composições para batalhas, como valsas de Tchaikovsky, existem as canções pacifistas, por exemplo, que já fazem parte do cânone da música *pop* – o que seria da carreira de

Bob Dylan sem “Blowin’ in the Wind” (1963) ou da fase solo de John Lennon sem “Give Peace a Chance” (1969)?

A arte é examinada no meio da linguagem, como em livros clássicos de literatura inglesa, até em quadrinhos americanos de 1980, por meio de análise de discurso. Uma obra de arte figurada na linguagem é analisada para uma desconstrução de ideologias, como se essas análises trouxessem o contexto social de um determinado livro de relações internacionais.

Portanto, o texto é o objeto empírico da análise de discurso, sobre o qual o analista busca as marcas que conduzem a sua investigação científica. O livro ‘Vinte Anos de Crise’ (1919-1939) de Carr traz um discurso que alguns consideram realista, mas com uma análise de discurso é possível encontrar em certas opiniões algumas passagens pós-estruturalistas, eventualmente no ponto da ciência política, vista como a elaboração de projetos visionários.

Da mesma forma, a história da arte nas relações internacionais não é novidade, e já na primeira metade do século XIX mudanças sociais e políticas desencadeadas pelo Iluminismo trouxeram um clima de instabilidade que se espalhou por toda Europa. A arte estética esteve ligada a modernidade, e a modernidade foi o período que se iniciou com o colapso dos sistemas tradicionais medievais e que se consolida com “a industrialização, ascensão do

capitalismo, da secularização, do Estado-nação, do cientificismo e de suas instituições e formas de controle” (BARKER, 2005, p.5).

Com a crescente urbanização, a industrialização, a Revolução Francesa e as guerras napoleônicas, os intelectuais e a comunidade cultural viram crises e mudanças como malogro do Iluminismo e rejeitaram os valores da razão, da lógica, do empirismo e da ciência, pretendendo estimas mais altas, preenchidas na emoção, na imaginação, no gênio individual e na natureza, surgindo o Romantismo, visto que um dos representantes do novo espírito romântico era Francisco Goya (1766-1828), que criou retratos e quadros históricos cheios de psicologia perturbadora que espelhava as dúvidas modernas acerca da existência da vida após a morte, retratando a desumanidade da civilização.

Vale ressaltar que, com realidades diferentes, e em distintos tempos, a arte foi moldando díspares conceitos de cultura, se estabelecendo como uma importante ferramenta na desconstrução ao estudar relações internacionais. O esboço da cultura artística vai além da questão moderna, das teorizações e de centralizações, e se antes existia verdade no mundo, a arte consegue ultrapassar e dar respostas com “verdades”.

Então, o progresso e a evolução não são predestinados, e a arte conseguiu acompanhar o movimento pós-moderno para uma crítica à sociedade em que vivemos. Existe uma “representação” na

forma de como a arte influencia as relações internacionais, surgindo uma nova necessidade, a do estudo da cultura artística em diversos campos de estudo das relações internacionais em que “se sugere que imagens e textos simplesmente refletem na realidade social” (CAMARGO, 2009, p.3).

O REALISMO E A CULTURA ARTÍSTICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Aprender sobre relações internacionais com um olhar sobre a arte é vantajoso, pois, devido à velocidade da comunicação atual, problematizar e identificar questões se torna um trabalho mais árduo, e com auxílio das artes, como o cinema, música, livros e quadrinhos, é crível uma desconstrução de teorias e soberanias, que possivelmente ajudariam com os novos temas da agenda.

A partir desses novos rumos, a reflexão é de que talvez a arte não possa ser vista apenas como fonte do que aconteceu no passado, pois em seguida existe uma profundidade maior, uma interação entre mente e linguagem artística, junto com fenômenos internacionais que podem ou não acontecer. Eventualmente, os estudos das teorias das relações internacionais são feitos com análises de temas fora do campo das artes, porém existem vários tipos de ameaças quanto à

guerra, por exemplo, e uma comparação da arte com o realismo pode muito bem ser realizada.

A arena das Relações Internacionais, de acordo com esse esquema interpretativo, reproduz o cenário hobbesiano de incerteza e guerra perpétua de todos contra todos, no pré-civilizacional estado de natureza. Essa sociedade anárquica conduz ao vigente padrão comportamental patológico, em que cada unidade atua de forma egoística/não-cooperativa para obter/preservar mecanismos de detenção das capacidades de agressão das outras unidades do sistema (MIGUEL, 2010, p. 1).

Em primeiro lugar, o cinema e a guerra andam lado a lado, tanto que, a grande Hollywood lucrou muito realizando épicos de guerra, desde os antigos, como ‘Barry Lyndon’ (1975) de Stanley Kubrick, até os recentes sucessos de bilheteria, e com grandes efeitos visuais, ‘Pearl Harbor’ (2001) de Michael Bay, e o vencedor do Oscar ‘Guerra ao Terror’ (2008) de Kathryn Bigelow. “A Segunda Guerra Mundial foi uma aula de geografia para o mundo”, disse Hobsbawn (2008, p.1) e o cinema apresentou um novo olhar sobre o tema, em que não existiu apenas um tipo de ameaça.

As abordagens da arte nos apresentaram também o Vietnã, e como o mundo se uniu contra as ameaças que não existiam de um lugar até então pouco conhecido pelo ocidente, e ‘Platoon’ (1986), de Oliver Stone, fez uma análise do cenário crítico da época com o

enredo do jovem idealista que abandona a universidade e se alista voluntariamente para combater no Vietnã, logo, ele percebe sua ingenuidade ante a guerra, perde a visão de mundo melhor quando vê a violência gratuita que seus colegas cometem contra civis, e sofre com conflitos internos, mas sem deixar o nacionalismo de lado. De modo similar, diretores como Steven Spielberg criticavam o sistema americano de 1970 com filmes para o grande público, como ‘Tubarão’² (1975).

Para elucidar as ameaças tradicionais nos estudos de relações internacionais, o cinema nos trouxe também ‘O Resgate do Soldado Ryan’ (1998) em que lições sobre estratégia, tática e operação dialogam com a analogia da luta pelo poder do Estado mais forte, e a sobrevivência de um império para, provavelmente, comandar os menos favorecidos, exemplado na figura do protagonista do filme, um ex-professor que luta pelos seus ideais, mas que não sabe ao certo quais são.

² Steven Spielberg fez sua crítica artística com “Tubarão” como “um filme que foi do seu tempo, um olhar pós-Watergate sobre a autoridade corrupta. A estrutura de poder de Amity, a cidade fictícia do filme, com exceção do chefe de polícia, está unida para acobertar os ataques do tubarão e proteger o todo-poderoso dólar na forma do turismo. O único vilão do filme, fora o tubarão, é o prefeito, uma autoridade eleita pelo voto popular, um político.” (BISKIND, 2009, p. 292).

O Capitão John Miller, de *O Resgate do Soldado Ryan*, protagonizado por Tom Hanks, é o mais bem construído soldado cidadão já representado no cinema. (...) Ao ver o tremor em suas mãos, quando seu barco se aproxima da praia, e ao observar como ele está desnortado e desorientado, devido a uma granada que explode logo após o seu desembarque, percebemos que ele não é um super-herói indestrutível. Mesmo assim, ele se recompõe e, com experiência, decisão e bom julgamento, organiza seus homens para vencer um reduto alemão e conduzi-los à segurança (GERSTLE, 2008, p.1).

Por conseguinte, ainda existem as guerras mais recentes envolvendo cultura e religião, como a Primeira Guerra do Líbano, no longa-metragem de animação psicodélica ‘*Valsa com Bashir*’ (2008), na história, em um bar, um amigo conta ao diretor Ari Folman sobre um sonho constante que tem, no qual é perseguido por 26 cães ferozes, que, de certo ponto de vista, podem ser representados como os conflitantes da complexa situação no Líbano, e através da conversa eles concluem que a imagem tem ligação com uma missão na 1ª Guerra do Líbano, no início dos anos 1980, quando ambos defendiam o exército de Israel.

Figura 1- Cena do filme ‘O Resgate do Soldado Ryan’



Fonte: Spielberg (1998).

Em tempos, o tipo de ameaça tradicional do Realismo, a guerra pragmática e os fundamentos filosóficos de Hobbes (1651) para o poder do Estado mais forte, são criticados como forma de arte, e oferecida ao mundo pela visão de um cineasta, que viveu aquelas experiências, como uma forma de “filme-denúncia”.

Mais adiante, a teoria realista e as novas ameaças do cenário internacional podem ser vistas e estudadas em diversos longas-metragens, e de mais variados temas, como o tráfico de armas em

‘Senhor das Armas’ (2005), no enredo um traficante de armas realiza negócios nos mais variados locais do planeta.

Como é possível analisar também, o terrorismo, e o antissemitismo, pós 11 de setembro, presentes no longa-metragem ‘Rede de Intrigas’ (2008) de Ridley Scott, em que o não raro *american way* de condenar o terror está presente em forma de crítica ao presidente George W. Bush, após criar uma guerra ilícita.

Por consequência, a interpretação do cinema da teoria realista, e o medo do terrorismo, pôde ser apreciada também com ‘Independence Day’ (1996). Mais adiante, o filme apresenta um ataque alienígena aos Estados Unidos e no dia 4 de julho surge uma possibilidade de vencer o invasor, nesta hora todas as nações precisam se unir, pois está em jogo a existência da raça humana.

(...) em Independence Day os EUA terão de salvar a humanidade, apesar de para a efetivação de seu plano necessitar do apoio das demais nações que ignoram diferenças históricas e se prontificam a ajudar e seguirem as ordens americanas em prol da vitória sobre o inimigo em comum. Tanto que o discurso do presidente evidencia esse caráter de liberdade: *humanidade... a palavra tem um novo significado para nós hoje. Não lembraremos mais de nossas diferenças. Estaremos unidos por interesses comuns Talvez seja pelo destino que hoje, no dia 4 de julho, novamente lutaremos por nossa liberdade. Não pela tirania, opressão, pressão ou perseguição. Mas para evitar a extinção. Estamos lutando pelo nosso direito a vida a existir. E ao ganharmos, o 4 de julho não será uma da*

(sic) americana. Mas o dia em que toda a humanidade declarou que não silenciá durante a noite. Não vamos desaparecer sem lutar. Vamos continuar vivendo, sobreviveremos. Hoje vamos comemorar nosso dia da independência (ABREU, s.d, p. 2).

As novas ameaças assimiladas também surgem com o ambientalismo pragmático da refilmagem de ‘O Dia Em Que a Terra Parou’ (2008) sobre um alienígena que veio à Terra para alertar sobre uma crise global, porém os líderes mundiais ignoram a ameaça, fazendo uma analogia sobre problemas em que organizações internacionais não se inserem ou preferem ficar neutras.

Em um segundo momento, a análise sobre a arte e a visão realista da guerra pode ser introduzida com o estudo sobre a sonoridade. Os estudos clássicos da teoria realista se encontraram com a arte quando ficou claro que música e guerra também andam lado a lado, isso desde que tambores e cornetas começaram a ser utilizados, ainda na antiguidade, nos campos de batalha, para orientar e motivar tropas. Na música clássica, um exemplo é a ‘Abertura 1812’, do compositor russo Pyotr Ilych Tchaikovsky (1812), a obra foi escrita como comemoração da resistência das tropas russas à invasão napoleônica, e a partitura incluía 16 tiros de canhão entre os instrumentos.

Além disso, houve o uso em guerras de outra peça clássica – a abertura de “A cavalgada das Valquírias”, do compositor Richard Wagner (1854). Em uma cena do filme ‘Apocalypse Now’ (1979), do diretor Francis Ford Copolla, um regimento de helicópteros usa a música do alemão como trilha sonora para uma incursão no Vietnã, como um exemplo do “a vida imita a arte”, a situação aconteceu realmente na guerra do Iraque, mas com tanques no lugar de helicópteros.

Box 1 – Beatles e as Relações Internacionais

John Lennon e Paul McCartney, da banda The Beatles, escreveram uma das canções mais irreverentes do cenário musical, que foi considerada percussora para o gênero ‘punk’. Por meio de questionamentos, a canção ‘Revolution’ tem um tema social/político, e foi escrita durante a meditação transcendental de John Lennon em Rishkesh, na Índia. Inspirada na situação global da época, como a revolta estudantil em Paris, a Guerra do Vietnã e o assassinato de Martin Luther King. A canção chegou em 1968 e havia um grande hiato entre o movimento hippie de “paz e amor” e os tumultos políticos, os protestos e a repressão. Lennon, com seu interesse político, se viu afrontando essas ideias e decidiu colocar seus sentimentos sobre o assunto, longe da alienação dos fãs dos Beatles. É possível intercalar a canção com uma realidade pós-moderna, apresentando os discursos fechados e positivistas na área de RI que trouxeram “regimes de verdade” para a teoria, porém são necessárias interpretações e questionamentos, assim como a música faz ao mundo, a cerca das “verdades”, pois, “não existem fatos, apenas interpretações, onde é impossível conceber conceitos fechados, atemporais e descontextualizados.” (Nietzsche, 1961, 13), e uma teoria não deve ser fechada e monocromática. É necessária uma revisão, uma reflexividade através dos tempos e dos estudos das RI. Na interpretação da canção, a realidade da Guerra do Vietnã seria como a de Nietzsche, visto que o poder não deve ser entendido como a capacidade de impor sua vontade aos outros, assim como as guerras não são um processo natural. John Lennon resume a necessidade de burlar a modernidade com o trecho: “você me diz que isso é uma evolução, bem, você sabe, todos nós queremos mudar o mundo, mas quando você fala em destruição, você já sabe que não pode contar comigo”.

Fonte: Elaboração própria.

Para o pesquisador Jonathan Pieslak, que preferiu enxergar o que acontece com a sonoridade da guerra, em sua obra literária “Sound Targets” (2009), não existem registros do uso da música na Guerra do Vietnã, mas no Iraque a situação foi diferente, em que dizem que o assassinato de muitas pessoas que viviam na área era sonorizado pela música ‘Bodies’, da banda Drowning Pool (2001).

Ocasionalmente, surgiram também as músicas-protesto, o *rock* também foi engajado, e os irlandeses do U2 começaram a fazer sucesso com suas canções sobre questões sociais e políticas da Irlanda do Norte, que serviram de reflexão para várias outras situações de opressão no mundo. Letras como a de “Sunday Bloody Sunday” (1983), que tratava da divergência entre católicos e protestantes na Irlanda, ou, “Pride - In the Name of Love” (1984), dedicada a Martin Luther King, mostram o lado sério e político, do conjunto.

Sendo assim, as relações internacionais apresentam a forma literária e descontraída dos quadrinhos. Conhecidos popularmente como HQ’s, ou história em quadrinho, são narrativas feitas com desenhos e acompanhados de textos curtos com diálogos, apresentados no interior das figuras chamadas “balões”. Os quadrinhos surgiram no começo do século XX, assim como o raio-x

e o cinema, mais precisamente nos Estados Unidos, em formatos de tirinhas, no ano de 1900, em jornais dominicais. Em 1946, com o espírito da criação das Nações Unidas, surge o maior ícone do período de guerra, o Capitão América, de Jack Kirby e Joe Simon (1941), que na capa enfrentado Adolf Hitler, e foi criado justamente para o objetivo político de unir uma nação contra o nazismo, de que a “liberdade” era o escudo do Sentinela.

A primeira capa da revista Captain America Comics já deixa bem claro à que o herói veio. Usando seu uniforme com as cores da bandeira estadunidense, o herói toma de assalto um bunker alemão, rechaçando balas inimigas enquanto soca a cara de Adolf Hitler. (...) Tanto o roteirista Joe Simon quanto o desenhista Jack Kirby já eram então autores respeitados e admirados na indústria de quadrinhos. Em diversos aspectos estéticos, Captain America era um importante salto qualitativo nas histórias de heróis. Com vilões de visual propositadamente exagerado e um estilo de desenho cinético e altamente detalhado, Kirby produzira um trabalho muito superior aos dos outros desenhistas da época, cujo traço era por vezes simplista e pobre. Mas, ao mesmo tempo, parte do sucesso de Captain America deve ter estado vinculado à polêmica que sua publicação gerou (AMORIM, 2008, p. 1).

Porém, nem só de super-heróis vive a teoria realista da guerra e quadrinhos, em contraste surge à história de Marjane Sartrapi, uma iraniana que viu seu país ser virado de cabeça para baixo a partir de 1979, com a revolução islâmica. Em pouco tempo o Irã entrou numa

onda de conservadorismo e repressão que fez o país se fechar para o resto do mundo, ademais, com o princípio da guerra contra o Iraque, em 1980, uma bomba pode cair em sua casa ou na vizinhança, mostrando os horrores da guerra e da transformação cultural. O quadrinho de Sartrapi é uma leitura leve e descontraída, mas com a carga de tristeza de uma sobrevivente sobre os abusos nos tempos de guerra.

Figura 2 – ‘Persepólís’ de Marjane Sartrapi



Fonte: Sartapri (2007).

O LIBERALISMO E O PROCESSO CULTURAL DA GLOBALIZAÇÃO

Frequentemente, o campo das relações internacionais sofre mudanças no cenário internacional, sendo o Liberalismo a teoria alternativa que surge depois da Guerra Fria. O Liberalismo prega que as mudanças não devem ser feitas pela anarquia, e sim por meios pacíficos e sem justificativas de poderios militares, pois para os liberais se “deve haver direito à propriedade, incluindo-se as forças de produção, e, principalmente, a economia deve ser desregulamentada. O Liberalismo, então, reza pelo individualismo, liberdade, tolerância, e constitucionalismo, em oposição ao conservadorismo” (MEIBAK, 2011).

Ainda relacionando o tema liberal, a guerra só se inicia por conta do Imperialismo de outros Estados, conseqüentemente existe a falta de democracia e a falha nas negociações entre países, levando as duas teorias, Realismo e Liberalismo, divergirem, já que para a teoria realista o poder deve ser centralizado no Estado e não em instituições, enquanto para os liberais o poder deve ser dividido com as instituições para haver certo equilíbrio, e descentralização. Assim, os ideais econômicos e políticos seriam bem sucedidos.

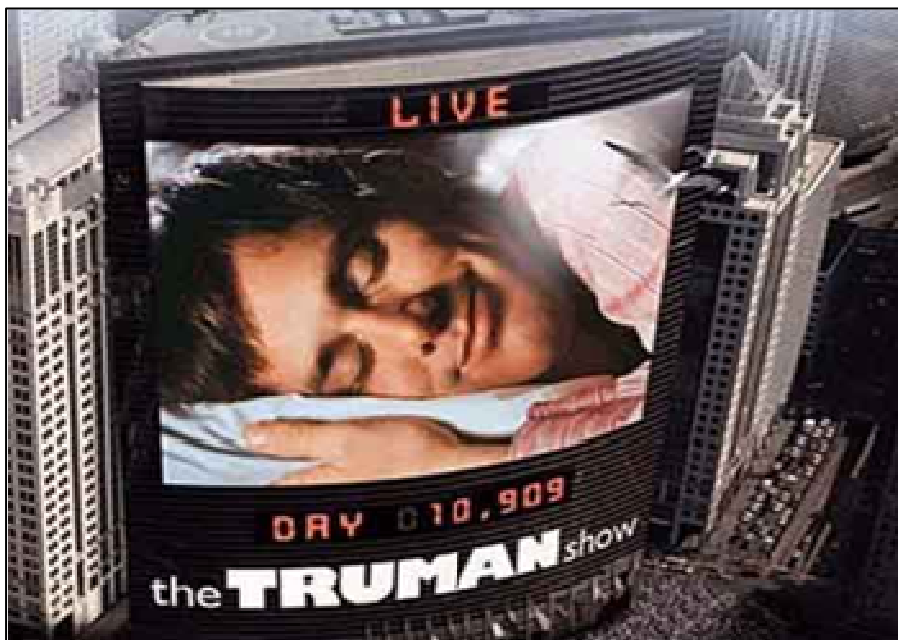
Com a queda do Muro de Berlim, o mundo passou pelo processo da globalização. Como resultado, novas questões aparecem

no cenário internacional, e o Capitalismo reina sobre uma população consumista, e, de certa forma, alienada, mas que tentava se adaptar ao novo tempo, e com auxílio dos meios artísticos para consegui-lo. Primeiramente, dentro da sétima-arte, alguns filmes mostraram o processo de interação mundial da globalização, como o filme ‘O Show de Truman’ (1998).

Próximo ao liberalismo se encontra Truman Burbank, um pacífico vendedor de seguros que leva uma vida simples com sua esposa. Porém, algumas coisas ao seu redor fazem com que ele passe a estranhar sua cidade, seus supostos amigos e até sua mulher. Após conhecer uma misteriosa mulher, ele fica intrigado e acaba descobrindo que toda sua vida foi monitorada por câmeras e transmitida em rede nacional. A semelhança com a obra literária de George Orwell, ‘1984’ (1949), é inegável, a parábola sobre o totalitarismo e a presença do ‘Grande Irmão’³ que observa tudo e todos, impedindo a individualidade é a comparação com o processo de globalização.

³ Do original “Big Brother” é um personagem fictício do romance “1984”. Na sociedade descrita pelo autor, George Orwell, todas as pessoas estão sob constante vigilância, principalmente por câmeras, sendo lembrados pela frase propaganda do Estado “O Grande Irmão está te observando”.

Figura 3 – ‘O Show de Truman – O Show da Vida’



Fonte: Weir (1998).

De tal forma, o mundo sem barreiras ou muros, de repente a vida dos “outros” se tornou mais interessante, logo, a produção do Capitalismo junto com o processo econômico do Liberalismo e da globalização, traz as diferentes culturas em forma de consumo desenfreado, em que a TV a cabo e os *reality shows* lucram com a divulgação de marcas e produtos, e financiam toda uma possível encenação. Novas questões trazem novos atores de extrema relevância nas relações internacionais, como a mídia, e o filme

introduz a dimensão do poder de domínio de grandes corporações sobre os menos informados, como a de título de comparação, o anúncio da grande *Fox News* da vitória controversa do republicano George W. Bush sobre o democrata Al Gore em 2000.

Essa utopia negativa há muito tempo se tornou realidade. Desde 1984 até nossos dias foi se estruturando um mundo apoiado em signos e na sutileza de um discurso hegemônico, massificado sob compulsão ao consumo. Vive-se “hoje no mais totalitário de todos os sistemas, cujo centro é formado pelo próprio Ocidente democrático. (...) A voz do Grande Irmão é a voz do mercado mundial anônimo; e a ‘polícia do pensamento’ das relações democráticas de concorrência funciona de forma muito mais refinada do que todas as polícias secretas (MOURA *apud* ORTIZ, 2004, p. 1).

Em um segundo tempo, a música protesto e o rock melancólico tomaram conta dos anos finais de 1980 e o novo consumismo de 1990. Para o brasileiro Renato Russo, a geração desse novo tempo era conhecida popularmente como “Coca-Cola”, uma analogia a marca de bebidas capitalista, sendo assim, apresentando a canção “Geração Coca-Cola” (1984).

Ao analisar, os primeiros versos da canção trazem a presença do Capitalismo e da compra, mostrando que a geração vinda é programada, influenciável e até robótica. Renato Russo apresenta a facilidade de "recebermos" os produtos de fora, principalmente dos

Estados Unidos, a maior potência econômica mundial. É o resumo da idolatria à cultura desconhecida, no caso, ao que é de fora, do internacional, e como o processo de globalização ajudou o consumo em massa de “enlatados”.

Sobre a realidade do Liberalismo, Renato Russo e sua banda, Legião Urbana, com outras bandas brasileiras, como Os Engenheiros do Hawaii apresentavam músicas sobre a globalização, visto que a canção “Terceira do Plural” dos últimos citados, falava sobre a corrida contra o tempo e os auxílios que o Capitalismo oferece nessa jornada, como o cigarro, o silicone, o remédio.

Mas não foi somente o Brasil que trouxe as canções-protesto sobre o Capitalismo, outras nações apresentaram as interpretações ao Liberalismo econômico, a banda americana R.E.M com um rock universitário intelectualizado, de amarga crítica social e comportamental, trouxe, provavelmente, grandes clássicos dos anos 1990.

O Primeiro, “Losing My Religion” (1991), fala sobre o fim da fé, da credibilidade no homem e como o novo século é sobre considerações futuras e a individualidade. No segundo, a música “Shiny Happy People (1991)” faz uma alusão a um texto de

propaganda chinesa sobre o “Massacre da Praça da Paz Celestial”⁴, no texto o relato seria de como a política seria controlada pelo poder dos maiores, e não por estudantes, idealistas e infelizes mortos na Praça da Paz Celestial.

No entanto, a ideia dos panfletos é de como a mídia e a propaganda manipulam as informações, encobrando as falhas do sistema político, já a música criada pelo grupo tem o propósito de encorajar os novos engajados políticos, aqueles que acreditam na democracia, a tentarem ignorar a nova ordem internacional e seguirem em frente na luta pela paz.

Em um terceiro tempo, a análise sobre a globalização chega ao ambiente dos quadrinhos com obras assustadoras e divertidas sobre a geração que almeja o futuro. Além do consumismo, e da grande força do capitalismo, a globalização, como parte da doutrina liberal, foi capaz de aglomerar vários momentos que vão além do consumo.

Com a rapidez de informações, e o surgimento de blocos regionais e econômicos, a globalização teve uma nova faceta estudada pelos sociólogos como globalização cultural. Milhões de

⁴ O caso ficou conhecido como o massacre da praça da paz celestial, e se refere ao despecho de várias manifestações que aconteceram entre 15 de abril a 4 de junho de 1989 em Pequim, na China. Manifestantes, a maioria estudantes universitários e trabalhadores acamparam na Praça da Paz Celestial com o objetivo de reivindicar maior liberdade política. A repressão começou, e as forças do governo encurralaram os manifestantes com armas e tanques, provocando uma chacina.

peças do mundo inteiro assistiram ao filme ‘Titanic’ (1997), em salas de cinema ou em vídeo. O filme conta a história de um jovem casal que se apaixona a bordo do fatídico navio transoceânico, e é um dos filmes mais populares dos anos 1990, um dos produtos culturais que ultrapassou as fronteiras nacionais e deu origem a um fenômeno internacional.

Uma razão que explica o sucesso de Titanic é o facto do filme reflectir um conjunto particular de ideias e valores com que as assistências pelo mundo fora conseguiram identificar-se. Uma das temáticas centrais do filme é a da possibilidade do amor romântico vencer as diferenças de classe social e as tradições familiares. Embora este ideal seja, de uma forma geral, aceite na maior parte dos países ocidentais, ainda não prevalece em muitas outras regiões do mundo. O sucesso de uma película como o Titanic reflecte a mudança de atitudes em relação a relacionamentos pessoais e casamentos, por exemplo, em partes do mundo onde os valores mais tradicionais têm prevalecido. No entanto, pode dizer-se que o Titanic, tal como muitos outros filmes ocidentais, contribuiu para essa mudança de valores. Os filmes e programas de televisão produzidos no Ocidente, que dominam as mídias mundiais, tendem a avançar uma série de agendas políticas, sociais e económicas que reflectem uma visão do mundo especificamente ocidental (GULBENKIAN *apud* GIDDENS, 2007, pp. 64-65).

Assim como o estudo feito sobre o filme ‘Titanic’ (1997), o enredo de Brian K. Vaughn, no quadrinho ‘Y: The Last Man’ (2002) é uma menção às diferenças sociais, e o que o ocidental pensou ao se

encontrar com díspares culturas. A obra traz um mundo em que uma praga de origem desconhecida matou a maioria das criaturas portadoras do cromossomo Y, que define o gênero masculino, sobrando apenas Yorick Brown e seu macaco Ampersand, a partir daí começa a saga para entender o que aconteceu com os homens.

Em meio a sua jornada, o protagonista Yorick vai se desligando de antigos ideais sexistas que sofria na sua juventude e acaba se tornando um homem que se revolta com o quê o planeta Terra abrigava antes, preconceitos, imposição de poder via política e etc. Não importando a distância e a diferença étnica das sobreviventes, para Yorick os conflitos sociais e mundiais têm importância, e ele se identifica com as mais variadas culturas, porque não vive mais em um mundo singular, e sim em um globalizado, e sem população masculina.

A alusão dos quadrinhos é feita com a globalização cultural, a mesma relacionada ao filme ‘Titanic’, seria a equivalência de alguns ideais de países mais tradicionais que prevalecem, mas o contato com o outro, com a diferente cultura, não pode ser impedida, já que as fronteiras foram ultrapassadas e se compra a música, os filmes e até as ideias de outros países. Não existe o bipolar, e sim o multipolar no mundo criado por Brian K. Vaughn.

Próximo à ideia de criação de Brian K. Vaughn, a viagem é o auxílio para a resolução dos problemas de Yorick e de TimTim. Nos quadrinhos ‘As Aventuras de TimTim’ (1929) o referencial é a globalização e o processo de interconectividade com o estrangeiro. Criada pelo autor belga Georges Prosper Remi, ou mais conhecido como Hergé, em 1929, os quadrinhos contam a história do jovem repórter TimTim e suas aventuras pelo mundo, ilustradas com pequenas críticas políticas e culturais.

A obra de Hergé recebeu algumas críticas e criou polêmica, como o volume ‘TimTim no País dos Sovietes’ (1929), em um retrato de fome e miséria da URSS, mas nada causou tanto barulho quanto ‘TimTim vai ao Congo’ (1931), que foi avaliado como preconceituoso pela representação dos africanos como ingênuos e primitivos. Hergé alegou que apenas desenhou os africanos como eram representados na época, como grandes crianças que precisam de apoio externo.

Como foi possível observar, o tópico sobre TimTim faz alusão ao fato de que a globalização, em tempos, pôde ser representada como racista e dominadora no decorrer de seu processo. Sendo assim, surge um novo termo desenvolvido por sociólogos e pesquisadores, a globalização contra hegemônica, que amplia o debate sobre obras estereotipadas e suas consequências com o estrangeiro.

O racismo não se apresenta de forma clara; muitas vezes é sutil e invariavelmente ocorre no processo de resistência das populações afrodescendentes. Compreender essa ação é identificar um processo de disputa social, traduzida neste artigo, no conceito gramsciano de hegemonia. Esta combinação direcionou meu olhar para a conceituação de Boaventura de Sousa Santos acerca da globalização contra- hegemônica, que pressupõe uma disputa social dos marginalizados do processo neoliberal em curso (SANTOS, 2002. pp. 75-85). Analisar essa disputa hegemônica significa recuperar que um novo mundo é possível, e a globalização hegemônica neoliberal não é o estágio final da história, portanto descortina-se em sua forma plural a perspectiva da contra-hegemonia para os sujeitos históricos (FERNANDES *apud* SANTOS, 2006, p. 1).

A fuga da globalização contra-hegemônica apresentada por Boaventura de Sousa Santos (2002) é na construção do multilateralismo emancipatório, uma construção democrática das regras do reconhecimento recíproco entre as identidades culturais opostas, em discussões apresentadas sobre a beleza do africano, por exemplo, e a resistência contra a injustiça social.

Logo, o pensamento reacionário do liberalismo, nos leva para um novo rumo ideológico, em que a desconstrução aconteceria voltada em diferentes estudos sobre a globalização, e de como a interconexão com o mundo político e econômico vai além das guerras físicas.

O PÓS-MODERNISMO, A ARTE E OS NOVOS TEMAS INTERNACIONAIS

Não somente as teorias clássicas de Relações Internacionais foram acompanhadas pelo movimento da arte. Com o passar dos tempos, surgem novos pontos de discussões sobre o cenário político e social no mundo, e a modernidade é, eventualmente, deixada de lado para dar lugar aos temas genuinamente pós-modernos.

Em princípio, o período artístico que teve início em 1980 foi conhecido como pós-modernismo. O termo tem origem no desconstrucionismo ou na filosofia pós-estruturalista de 1960, e é comumente utilizado para descrever a crença, partilhada por vários estudiosos, de que não existem significados ou verdade absoluta, uma vez que o significado é determinado pelo contexto, ou interpretação, que está em permanente mutação, sendo isso, a verdade não passaria de um ponto de vista com privilégios, que reflete nas estruturas de poder que a sustentam.

As premissas que os pós-modernistas, tanto artísticos como científicos, criticam é que quando um discurso, que se diz neutro e universal, reproduz o significado contingente de que seria a “verdade”, a ideia que “sustenta aquele discurso e aquelas estruturas

de poder acabam sendo reproduzida e naturalizada” (RESENDE, 2011, p. 29).

Sendo assim, a unificação e a falácia de “uma verdade lá fora” não são o que os estudiosos da pós-modernidade procuram, fazendo com que a teoria pós-moderna “destruísse” a credibilidade das hierarquias autoritárias de estilos, meios, preocupações e temas, e abriu a porta das artes para tudo e todos. Além disso, houve um profundo impacto na história da arte, geralmente contada de um ponto de vista restrito, centrado sobre a evolução estilística.

Uma vez que a arte passou a ser abordada a partir de vários ângulos, tendo em conta questão de gênero, orientação sexual, etnicidade, raça, economia e política, para demonstrar o significado das ideias de cada obra artística, e se tornarem até mesmo uma revolução social, surgem os estudos de vanguarda para um desafio ao *status quo* do cenário internacional.

Assim como a teoria pós-moderna na arte, o surgimento nas relações internacionais foi de maneira simples, porém de grande impacto. Tentando administrar a perda das certezas, decorrente aos tempos de crise que atingiram não só a área de RI, como a das Ciências Humanas e das Artes, e recusando a se entregar a “ansiedade cartesiana”, a crítica pós-moderna/pós-estruturalista ofereceu um conjunto de reflexões sobre como compreender e se

posicionar em relação a uma série de novos problemas, dificuldades, questionamentos e desafios.

Autores como Andrew Linklater (1996), Richard Ashley (2001) e Robert Cox (2004) se comprometeram em denunciar como as próprias práticas de conhecimento e produções em Relações Internacionais mantêm uma relação com a manutenção e a perpetuação das relações de dominação, marginalização e exclusão dos mais fracos, no caso, teorias e estudos emergentes.

Uma das características do pensamento moderno em relações internacionais, dos realistas até construtivistas, é que todos centralizam o Estado como o ator principal nos seus respectivos estudos. O grande impacto que os estudos pós-modernos causou foi o de ir contra a corrente, uma ruptura epistemológica de alto grau. Antes, pouco se preocupava com questões sociais e políticas fora das *high politics*, cabendo à teoria pós-moderna e suas vertentes, como, questão de gênero, teoria crítica, pós-colonialista e até ambientalista colocar as Relações Internacionais em um campo de reavaliação, proporcionando que existe o além da guerra pelo poder, e da bipolaridade.

O estudo do pós-colonialismo é uma das teorias que são pouco estudadas nas relações internacionais, porém a visão terceiro-mundista, termo esse que se encontra em desuso com o passar dos tempos, é voltada para postulados da Escola Inglesa, que diz que o mundo deve

ser padronizado pela lógica de funcionamento dos Estados Nacionais. Buscando desvirtuar os ditames instituídos pelas teorias centrais, o pós-colonialismo é basicamente a desconstrução do ocidente feita pela periferia, no caso, uma reavaliação de valores.

O pós-colonialismo na análise das relações internacionais parte de uma visão terceiro-mundista, com escopo de desvirtuar os ditames instituídos pelas teorias estritamente criadas sob o ponto de vista dos países do centro, travando um debate profundo, com bases pós-modernas, de desconstrução dos pressupostos engessados nas RI. Trata-se de uma desconstrução do ocidente feita pela periferia, que, portanto, implica num constante ataque à hegemonia ocidental e, se não uma completa inversão, uma reavaliação dos seus valores. De modo simples, podemos dizer que o pós-colonialismo vem como uma alternativa às teorias internacionalistas de centro (HENRIQUE, 2009, p. 1).

Portanto, as suas contribuições são para relativizar a arrogância dos modelos de pensamento, e a do questionamento do centro-periferia, sendo que não se descarta teoria alguma, mas se questiona a essência. Com isso, surgem novos temas a serem investigados, como a miséria da África e a falta de atenção histórica para o continente, tendo como principais responsáveis as metrópoles coloniais, que hoje são as nações mais ricas do mundo, e pouco debatem sobre direitos humanos, fome e problemas ambientais.

Figura 4 – ‘Minha Terra, África’



Fonte: Portal Omelete. ‘Minha Terra, África’ (2011).

O filme ‘Minha Terra, África’ é o exemplo de como a arte e as questões pós-modernas trabalham juntas. O filme de Claire Denis é sobre a herança colonial francesa durante um violento golpe de estado militar num país indefinido da África. Huppert é a dona de uma plantação de café que se vê no meio de uma revolução armada, a uma semana do começo da colheita. Seus empregados a abandonam, o exército a aconselha a fugir, seu ex-marido fez uma

negociata para escapar, seu filho problemático e seu pai aumentam sua responsabilidade, mas ela se recusa a ceder, pagando para novos trabalhadores arriscarem a própria vida para colher os grãos de café.

A história serve como palco para a situação caótica em que o continente se encontra, sobretudo, o filme não traz respostas definitivas, e o espectador sente o abandono dos novos tempos com a África, como a ausência do nome do lugar e que, conseqüentemente, apresenta a metáfora aos horrores sociais e econômicos que as colônias trouxeram.

Portanto, o enredo oferece uma inversão de valores, em que a protagonista branca é apenas uma simples fazendeira, não sabe se ajuda ou atrapalha na guerra civil. São diferentes crises apresentadas no longa-metragem, principalmente a de identificação com a outra cultura. É a desconstrução ocidental apresentada por uma cineasta acarretando ao título original, ‘white material’, que diz respeito a objetos pertencentes aos pós-colonizadores do continente como o não bem-vindo. O ex-colonizador é obrigado a viver o novo tempo da transnacionalidade cultural em um país que não é o seu.

Da mesma forma que o estudo pós-colonialista, novo e renegado, surge no cenário das relações internacionais, a questão de gênero, que com autoras feministas, levantam o debate relacionado à exclusão da mulher em vários campos da política social. No caso,

existe uma necessidade no estudo de gênero “de que forma ele tem contribuído para as relações internacionais, no intento de torná-la uma área mais humanizada, inclusiva e, por consequência, mais global” (POSSAS e REIS, 2009, p. 230).

Com o terceiro debate, relacionado a temas pós-positivistas, caracterizando uma série de novos problemas um dos centros é relacionado à questão de gênero, como, a falta da mulher na diplomacia e o escasso estudo relacionado ao feminismo. Assim como o pós-colonialismo, a questão de gênero apresenta uma proposta de desconstrução estatal, em um mundo mais público nas relações internacionais, sob o ponto de vista de uma igualdade em todos os estudos e não a uma dicotomia entre público e privado, pois o mundo é visto como público, e a delegação de temas de vanguarda para o privado não faz o menor sentido.

As críticas feministas reforçavam que temas como identidade, segurança e sexualidade não podem ser categoricamente separados entre esfera pública ou privada, uma vez que, ao ser a esfera privada negligenciada pelas relações internacionais, abusos de gênero que façam parte dessa esfera seriam sempre relegados apenas ao âmbito interno, mesmo quando fossem necessárias ações da comunidade internacional no sentido de evitá-los ou preveni-los (MENDES, 2011, p. 14).

Próximo ao estudo da desconstrução estatal, a cultura artística continua trabalhando com as relações internacionais na interpretação do filme ‘A Fonte das Mulheres’ (2011), um retrato sobre as questões de gênero de tempos passados que refletem no nosso pensamento sobre o presente. O filme do diretor Radu Mihaileanu é movido pela guerra dos sexos, tão discutida nos anos 1980, mas com uma denúncia a contra-submissão.

Sobre o filme, o enredo conta a história de uma aldeia islâmica, com uma grande seca, o desemprego e a corrupção das autoridades locais, que atrasam a instalação da água encanada e da eletricidade, sobrecarrega de trabalho as mulheres, no caso, elas levam baldes nas costas, subindo e descendo ladeiras, várias delas grávidas, perdem os filhos, então, a jovem Leila lidera uma greve de sexo para que os homens locais tomem alguma atitude para resolver os problemas do povoado.

Então, a discussão relacionada à teoria pós-moderna de gênero se encaixa perfeitamente na história do longa-metragem, em que as reivindicações são cheias de teor político e social, de uma exclusão sem sentido, e a cada dia que passa novos problemas surgem na aldeia, como no cenário internacional das relações internacionais, que ignoram os temas de vanguarda e acabam não podendo resolver certas questões do centro-ocidental.

A persistência da luta no filme não é apenas para um desenvolvimento econômico, existem forças políticas que deixam as mulheres e os aldeões sem acesso ao básico e social padrão de vida. O sistema desconhecido no cenário da aldeia, que pode ser comparado aos temas positivistas, e a estrutura estatal são os mais importantes, porém não auxiliam a população de uma maneira geral, sendo assim, o arcaico não faz mais sentido nas relações internacionais, por exemplo, visto que é necessária a humanização da área para um novo padrão de vida e de aceitação das mulheres.

Dessa maneira, a teoria de gênero escancara que os tempos são outros, em que já existem revoluções por vários cantos do mundo, vindas das sucessivas rebeliões no mundo árabe até o México, existem reversões de valores, e que mais adiante os excluídos da agenda das relações internacionais podem explicar fatos e desconstruir temas que as teorias tradicionais provavelmente não o fariam.

Figura 5 – ‘A Fonte das Mulheres’



Fonte: Portal Omelete. A Fonte das Mulheres (2010).

O constante debate sobre questões profundas da mente humana é também retratado no pós-modernismo, e a concepção da tecnologia em função da comunicação, e da falta dela, é o que a sonoridade do duo francês Daft Punk apresenta, no caso, um futuro frio e distante, por vezes, mas que tenta filosofar com a reversão de valores, trazendo os instrumentos da música eletrônica com repetições de letras sobre alienação e comodismo cultural, como na

música ‘Television Rules the Nation’ (2005), retratando o final dos anos 1990 e o começo de um novo século.

Não apenas, especificamente, nos computadores ficaram as músicas ideológicas do Daft Punk, no filme ‘Tron – O Legado’ (2010), por exemplo, que trabalha com a ideia futurística da estética em favor do questionamento do poder das máquinas e da comunicação. A trilha sonora composta pelos franceses apresentou o fim da humanidade, ilustrando temas do filme como fim da religião, e questionamentos sobre o universo, bem como se o filme junto com a trilha “termina por criar um mundo virtual distópico, frio, onde podem brilhar apenas frágeis centelhas de humanidade, na tradição mesmo de um ‘Fahrenheit 451’⁵ (1953) ou, melhor, de um Philip K. Dick (1950). O interesse por essas distopias ficou pra trás com a literatura *cyberpunk*, mas acaba revelando uma atualidade notável na experiência pop *mainstream* que o filme é.” (ANTÔNIO, 2010).

A música pós-moderna não se limitou ao *techno*⁶ eletrônico, o movimento pós-rock foi um dos que trouxeram a ligação cultural

⁵ Romance de Ray Bradbury (1953) que foi adaptado para o cinema em 1966. Mostra um futuro onde todos os livros são proibidos, opiniões próprias é sinal de ser antissocial e o pensamento crítico é rejeitado. Bradbury esclareceu posteriormente que o livro é uma crítica à televisão e como ela destrói o interesse pela leitura.

⁶ O *techno* é um estilo de música eletrônica que surgiu em Detroit em meados dos anos 1980. O termo *techno* é frequentemente utilizado erroneamente para descrever a música eletrônica em geral, porém é apenas uma das vertentes que trabalha com o cenário digital-eletrônica da música

revisada pelo pós-colonialismo. No começo dos anos 1990, surgiram grupos que procuravam fugir do formato tradicionais de músicas, sem apelos populares, sem refrãos e em alguns casos com melodias desconexas, mais adiante, as bandas de pós-rock eram a mistura de culturas e sons diferentes, as influencias iam do jazz, ao *shoegaze*, passando pelo eletrônico até influência de música cigana.

Sendo assim, as letras do pós-rock não denunciavam algum massacre, ou lutavam contra a guerra, em sua maioria falavam de alguma terra distante, ou um amor perdido, mas o que se destacava era a integração de várias identidades culturais de nações diferentes, como a música erudita da banda Sigur Rós (1994), humanizando, de certa forma, o cenário internacional, e trazendo essa nova forma de conexão com as diferentes culturas internacionais, pela configuração musical.

Em um terceiro momento, além do campo visual e sonoro, a literatura dos quadrinhos apresenta alguns exemplos de pós-modernidade na agenda internacional, como no caso do quadrinho ‘Heavy Metal’ (1979). No tempo que os quadrinhos ficaram mais obscuros, no final dos anos 70, surge uma HQ adulta, com alta dose de violência e sexo. Usando temas de ficção científica e fantasia, ‘Heavy Metal’ surgiu na França e foi levada para os Estados Unidos

em 1977, expondo diferentes contos sobre a maldade e o poder, em distintas eras e mundos.

Dentro do universo dos quadrinhos surgem os “underground comix”, gibis baratos, feitos de forma artesanal e independente. Chamados de ‘comix’, eram revistas marginais, feitas na base do xerox e da tiragem pequena, distribuídos de mão em mão ou vendidos na rua, dedicados a causa de satirizar a sociedade. Alguns artistas, emblemáticos desta geração são Robert Crumb, (definitivamente o pai do movimento) Gilbert Shelton e Dave Shreidan, todos intimamente ligados a movimentos de protesto e a cultural jovem hippie. Faziam sempre caricaturas do real, num traço irônico, abordando tópicos críticos. Fazer apologia das drogas, ironizar instituições, questionar tabus, trabalhar com escatologia e universos fantásticos era a ideia (GHIROTTI, 2012, p. 2).

Sendo assim, os *undergrounds* satirizavam a sociedade, buscavam uma desconstrução do sistema, e com o tempo suas artes foram aprimoradas, adicionando novos temas, incluindo fantasia, universos paralelos, mas com o objetivo de sempre, escrachar a sociedade e apontar o dedo na cara dos poderosos com muito sexo, drogas e rock. Nos anos 70, o limite não existia, nos tempos pós-modernos dos anos 1980 e 1990, aconteceram revoluções culturais que trouxeram o questionamento sobre a “verdade”, em que o cinema e a música eram uma fusão de psicodelias.

Consequentemente, o mundo se torna um “caldeirão” cultural, e a HQ ‘Heavy Metal’ era apenas o retrato da realidade social e política dos novos tempos, que trazia um futuro consumismo desenfreado, novas discussões sobre realidades paralelas e a junção das mais diferentes artes e culturas, para uma tentativa de fuga de padrões e teorias fechadas, criadas pelo ocidente, e o efeito de um mundo vivenciando o pós-modernismo.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Provavelmente, exista uma cumplicidade pouco trabalhada entre a cultura artística e as relações internacionais, mas que aos poucos vai se expandindo graças aos estudos de vanguarda relacionados ao pós-modernismo. As teorias clássicas de relações internacionais são importantes, mas como o pós-colonialismo retrata em suas análises, deve existir um debate profundo para possíveis contribuições de todas as partes, um questionamento do núcleo científico positivista, em que não se exclua os novos problemas que não são relacionados à guerra e economia liberal.

Na primeira parte desse trabalho, o objetivo foi de evidenciar o Realismo estudado pelo meio das artes, algo que provavelmente é observado de maneira clássica se torna vanguarda, com um novo

olhar sobre o cinema de Steven Spielberg, e a literatura “aventureira” de Marjane Sartarpi, por exemplo.

Posteriormente, na segunda parte desse capítulo, a reflexão foi sobre a teoria liberal e os detalhes da globalização. O mundo vigiado de ‘O Show de Truman’ e a interconexão com as novas culturas são fundamentais para o próximo passo do pensamento pós-moderno da humanidade, aprofundando o Liberalismo não apenas como tema econômico, mas também mostrando os defeitos da teoria sobre os valores do mundo político nas relações internacionais.

Em seguida, na terceira parte, a arte e os estudos pós-modernos tentam penetrar o pensamento de humanização da área das Relações Internacionais, uma desconstrução sobre as questões sociais e políticas é feita com os estudos pós-coloniais e de gênero, com os filmes ‘Minha Terra, África’ e ‘A Fonte das Mulheres’. “Não existe um método científico universal, cada ramo da ciência, e cada paradigma, apresenta suas próprias regras. Para que um determinado ramo da ciência progrida, é necessário que os pesquisadores rompam com métodos vigentes e superem o paradigma dominante” (FEYERABAND, 1977, p. 34).

Desse modo, a reavaliação da área é proposta pelo meio artístico do cinema, música e literatura visual, no caso, os quadrinhos, em que esses novos temas desenhados em relações internacionais talvez possam ilustrar os novos debates, como, direitos

humanos, problemas ambientais, questões de gênero, processos econômicos liberais e até mesmo guerras e revoluções, para tornar a ciência mais global e interligada, a fim de humanizar de uma forma criativa a área das relações internacionais.

CAPÍTULO 2

A realidade da política internacional
influenciando a arte

A REALIDADE DA POLÍTICA INTERNACIONAL INFLUENCIANDO A ARTE

A segunda parte desse trabalho se concentra na inclusão da realidade internacional com a arte, principalmente, em como as relações internacionais vão interagindo com a história da arte, e influenciando a realidade internacional até os tempos pós-modernos com a revolução feita pelos pensamentos dos anos 1980 e 1990.

Portanto, a análise do tema toma forma na evolução da história da arte, desde os primórdios da globalização, no século XIV, até o período pós-modernos de 1980. Passando por movimentos como o Renascimento, Barroco e Modernismo para o esclarecimento de que a cultura artística e as relações internacionais sempre estiveram conectadas.

Apoiando-se em trabalhos de grandes artistas como Andy Warhol, o processo de mudança da história da arte se entrelaça com movimentos revolucionários, como a Revolução Francesa, até chegar à juventude entediada dos anos 1980, que se utiliza de *remakes* e colagens para expressar suas ideias.

A partir da montagem do cenário internacional, é narrada a chegada dos anos 1980, que causa uma dificuldade para a nova geração, pois, a sociedade vivia com um medo paranoico e as causas

políticas andavam lado a lado com o conservadorismo. Então, os artistas ao mesmo tempo em que expressavam o que queriam, tinham que conviver com uma sociedade que regredia no pensamento de liberdade, conseqüentemente, a influência cai sobre as histórias em quadrinhos, agora mais adultas e conhecidas como *graphic novels*.

O mundo criado pelos artistas das *graphic novels* é sem esperanças e frio, porém realista ao retratar a realidade de 1980 e 1990. O medo do retorno do Fascismo era lógico, de fato, medo era o que mais se sentia nesse período, pois o colapso entre as décadas foi muito intenso. Batman, Homem de Ferro, Elektra, entre tantos ganhavam uma nova roupagem, mais realista, mais cruel e mais longe de um futuro positivo.

Um dos autores que melhor trabalhou a paranoia e o futuro sem esperanças foi Alan Moore, originando a *graphic novel* ‘V de Vingança’, onde Moore apresenta diálogos criativos sobre guerra, liberdade, conservadorismo e segregação racial, que somente seria possível com o rumo que a realidade internacional tomou, ou seja, um mundo que vivia para o consumo e não tinha mais ideais de revolução.

Na conclusão do capítulo 2, a discussão sobre a realidade internacional com a analogia entre a crítica pós-moderna de Richard Ashley, sobre o cenário criado pela teoria realista, e o cenário criado por Moore em ‘V de Vingança’, e como a anarquia das dos dois

pensadores é, certamente, plausível a realidade dos anos 1980 e a do presente, em que a falta de ideologias é tão ruim quanto viver em um mundo conservador.

A EVOLUÇÃO DA HISTÓRIA DA ARTE E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O processo artístico de evolução da história da arte, de certa forma, sempre esteve ligado às relações internacionais. Nos primórdios da globalização do século XIV, foi observado o surgimento da arte renascentista e a integração econômica do mundo, logo após o tempo de novas lideranças mundiais com a moda do barroco nos séculos XV e XVI, seguido do Romantismo e o novo avanço do progresso econômico, como a Revolução Industrial nos séculos XVII e XVIII. E, por fim, o pretensioso modernismo do século XIX e a arte ilustrativa, cômica e pop do século XX, acabam estabelecendo os novos movimentos humanísticos e de política democrática para todo o cenário internacional.

No caso, a interação desses diferentes tempos e processos criativos cabe no processo da política para a sintetização de que as artes e as relações internacionais têm um histórico e raízes profundas na evolução da sociedade, e o berço dessas ligações possivelmente

surge na Europa, onde a realidade política do final do século XIII e começo do XIV eram voltados para as megalomanias dos reinados dos príncipes europeus.

Além disso, esse período é marcado por crises em toda Europa. A população tinha que lidar com a fome, pobreza, doenças, guerras e revoltas, porém para os movimentos sociais e políticos, houve grandes mudanças, como a crítica da população dividida entre a soberania e os novos rumos da sociedade com as pinturas de Ambrogio Lorenzetti (1290), por exemplo.

Elaborou-se aos poucos uma filosofia teológico-política que metaforicamente interligava a figura do rei ao reino. Nesta projeção idealizada, o rei seria a encarnação do próprio reino. Sua corte — lugar de reverência, contemplação e exercício do poder — seria o locus de veiculação desta imagem real. A construção da imagem do rei sábio nos séculos XIII-XIV fez parte do topo real. Através da educação virtuosa, da reflexão ética interior, o rei deveria ser o espelho de uma vida virtuosa, no qual seus súditos pudessem contemplar um modelo de perfeição a conduzi-los ao reino celeste (COSTA, s.d, p. 1).

Logo após a Peste Negra, as cidades cresciam desordenadamente, logo, os campos ficavam cada vez mais vazios, e, conseqüentemente, a produção agrícola diminuía, e também os rendimentos e o poder da Nobreza, e uma consolidação da burguesia relacionada diretamente ao dinheiro, que também trazia novas atividades ligadas ao urbano, como o comércio exterior e o artesanato, voltados para a integração de outros países.

Assim como o restante da Europa, a Itália passava por um fenômeno urbano de grande importância, o Renascimento, que foi um período histórico-europeu marcado por mudanças sociais, no caso, ele representava a renovação da sociedade. O termo “Renascimento” foi usado pela primeira vez em 1855, pelo historiador francês Jules Michelet (1798), para se referir ao “descobrimento do Mundo e do homem” no século XVI. Quem ampliou o conceito foi o historiador suíço Jakob Burckhardt (1818) com a sua obra ‘A civilização do renascimento italiano’, definindo essa época como o renascimento da humanidade e da consciência moderna, após um longo período de decadência.

Além de toda a mudança na questão artística, o Renascimento é considerado uma das rupturas mais significativas com as tradições medievais, o surgimento de um novo tipo de intelecto voltado para a política e para a valorização do homem, apresentando a Idade do

Ouro, as melhorias nos estudos da Medicina e Anatomia, a Astronomia de Galeno (217 a.C) e Hipócrates (460 a.C), a Geografia amplificada graças às explorações e descobrimentos de novos continentes, as fontes do Direito romano para o governante, e, conseqüentemente, os estudos relacionados à *virtú*⁷ de Maquiavel (1469), e o surgimento da imprensa, são apenas alguns exemplos da força desse movimento artístico que influenciou todo um cenário internacional.

Logo depois, nos séculos XV, XVI e XVII, ocorre uma verdadeira eclosão dos centros urbanos, “as cidades foram centro de comércio internacional em cujas ruas se podiam ouvir línguas distintas, graças à confluência de mercadores provenientes de vários pontos da Europa” (JANSON, 2010, 491). Com os novos pensamentos voltados para o homem e suas imperfeições, surge o Barroco. O movimento ocorreu ao mesmo tempo que a unificação da Península Ibérica, trazendo uma forte influência da Espanha para o Brasil, por exemplo, em muitas das atividades praticadas pelos estudiosos desse movimento.

Em um dado momento, Lisboa era considerada a capital mundial da pimenta, porém a agricultura lusa foi abandonada, sendo

⁷ Para Maquiavel, a *virtú* seria a capacidade de adaptação aos conhecimentos políticos que levaria a permanência no poder do príncipe mais forte e esperto. A Fortuna não é determinada e fatalista, mas muda de acordo com a conjuntura, a *virtú* não é o simples livre arbítrio, mas sim a escolha certa, e no momento certo.”

assim, a decadência do comércio das especiarias orientais traz o declínio da economia de Portugal. Paralelamente, os lusos viviam uma crise dinástica, e em 1578, Dom Sebastião desaparece em Alcácer-Quibir, na África e, dois anos depois, Felipe II da Espanha consolida a unificação da Península Ibérica, ao mesmo tempo em que existe uma crença no retorno de Dom Sebastião, e um movimento religioso chamado Sebastianismo, que previa a transformação de Portugal no Quinto Império.

Ademais, a unificação da Península veio a favorecer uma luta conduzida pela Companhia de Jesus em nome da Contra-Reforma, no caso, o ensino passou a ser quase um monopólio no campo científico-cultural, e enquanto a Europa conhecia um período de efervescência no campo científico, com as pesquisas e descobertas de Francis Bacon, Galileu, Kepler e Newton, surgem novos pensamentos relacionados à religião, de um lado os estados protestantes, seguidores de Lutero (1483), que introduziu a Reforma com pensamentos relacionados à liberdade de expressão e pensamento, ligado à um racionalismo clássico; e do outro, os católicos, ou, a Contra-Reforma, com a mentalidade marcada pela Inquisição e pelo teocentrismo.

O Barroco, o teatral estilo que influenciou todo o século XVII, teve início na Itália e alastrou a toda Europa, levado pelas viagens de artistas e patronos. Estilo de grande movimento e impacto emocional adequou-se às necessidades da Contra-Reforma, para proclamar a supremacia da Igreja Católica sobre o Protestantismo. (...) Esse período assinala também a colonização das Américas e do Oriente pelos diferentes reinos e ordens religiosas que exploraram estes territórios no decorrer do século XVI e que neles se estabeleceram, a partir do seguinte. Neste período, conhecido como Idade Moderna, as questões de classe, gênero (sic), ciência, medicina e exotismo tornaram-se centrais na vida e na arte (JANSON, 2010, p. 711).

Então, o movimento Barroco era marcado pela incerteza da vida, por um momento de crise espiritual na Europa. O homem daquele tempo era dividido entre a razão e a espiritualidade, duas formas de ver o mundo, e provavelmente, o Barroco é a mistura dessas duas mentalidades, com as contradições que levaram a expressão de artes que ligavam o mundo e a nova face da valorização ao desconhecido, como a pintura de Caravaggio, “Vocação de São Mateus” (1599-1600) em que os pés descalços e as vestes simples dos recém-chegados formam um contraste bíblico com as roupas exuberantes dos que estavam sentados.

Figura 6 - ‘Vocação de São Mateus’ de Caravaggio



Fonte: Janson (2010).

A partir dos históricos dos outros séculos, era quase prevista uma grande mudança durante os próximos anos na Europa e no mundo. O avanço e o progresso das cidades traziam à tona na Inglaterra a Revolução Industrial, por exemplo, mas alguns países como a França, por exemplo, se definiam pela constância das suas tradições, e na arte foi definida pelo Rococó.

Por consequência, a monarquia dominava, e as políticas do *ancien régime*⁸ persistiram durante o reinado de Luís XV, em que a riqueza continuava restrita a uns poucos privilegiados. Marcando a era da divisão entre ricos e pobres, o Rococó é considerado uma espécie de continuação do Barroco, a diferença estaria na leveza e delicadeza com que se demonstravam as obras de arte, não tinha teor religioso e era considerado por alguns como a demonstração da riqueza e extravagância dos ricos.

Na segunda metade do século XVIII, a partir da premissa de que o mundo vivenciava novos tempos, após a Revolução Francesa de Napoleão Bonaparte, que derrubou a monarquia para dar lugar aos ideais iluministas, trazendo a ideia de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, a ideia de nacionalismo estava em todas as partes, em que também já tinha sido vivenciada pelos Estados Unidos, e a independência das colônias inglesas.

O fim do Império Napoleônico iniciou um movimento contra-revolucionário, em meio a pretensões hegemônicas, envolvendo, sobretudo, as nações que haviam participado da coalizão que havia derrotado os franceses, nomeadamente Inglaterra, Rússia, Prússia e Áustria. Uma consequência direta das relações internacionais desenvolvidas ao longo do século

⁸ O Antigo Regime se refere ao antigo sistema social e político vivido pela França, como absolutista, no qual o soberano concentrava em suas mãos os poderes do legislativo, executivo e judiciário. A Bastilha foi o marco do Antigo Regime.

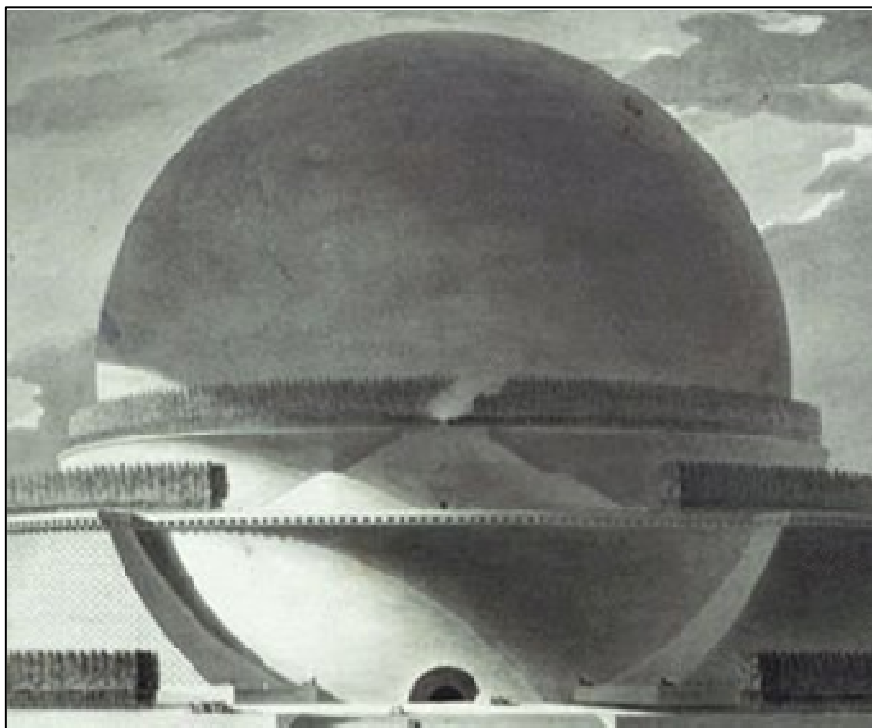
XVIII, as quais marcaram a falência da paz de Westfália. Precedida pelos Tratados de Paris, imposto a Luis XVIII e Tratados Coloniais entre Inglaterra e Holanda; sob pretexto de resolver as questões emergenciais do pós-guerra e decidir um novo arranjo de poder que nortearia as relações internacionais a partir de então; representantes das nações europeias decidiram se reunir em Viena, em setembro de 1814, compondo o Congresso de Viena, o qual duraria até junho de 1815 (RAMOS, 2010, p. 8).

As mudanças sociais e políticas no mundo trouxeram um novo pensamento crítico, responsável por uma nova ordem moral e pela ciência moderna. O que imperava era o Racionalismo, ligado ao poder de observação e aos dados científicos, e como sempre, as obras de arte refletiram os contornos dessa nova ebulição social, como o Neoclassicismo e o Romantismo.

Com todo o “abalo” que a sociedade mundial presenciava, o Neoclassicismo chega com a busca da inspiração no equilíbrio e na simplicidade, as bases da criação da Antiguidade. Existe no Neoclassicismo a rejeição ao Barroco e ao Rococó, e não foi apenas um movimento de arte, mas também cultural que refletiu essas fortes mudanças da época, marcadas pela ascensão da burguesia, procurando expressar os interesses, a mentalidade e os hábitos da burguesia manufatureira e de mercado.

Mais adiante, na década de 1770, a arquitetura francesa, por exemplo, estava menos interessada na Antiguidade, e mais preocupada com as formas geométricas, à escala monumental, criando uma sensação de força e impactos visuais, representando as novas profundidades do pensamento humano.

Figura 7 – ‘Projecto Para Um Túmulo Dedicado a Isaac Newton’ de Étienne-Louis Boullé



Fonte: Janson (2010).

Certamente as mudanças sociais e políticas desencadeadas pelo Iluminismo prosseguiram durante o século XIX, logo, o clima de instabilidade se espalhou por toda Europa, com a industrialização, a urbanização e as revoluções sociais. A Revolução Industrial tornou os métodos de produção mais eficientes, e os produtos passaram a ser produzidos mais rapidamente, barateando o preço e estimulando o consumo rápido. Por outro lado, aumentou também o número de desemprego, em que as máquinas foram substituindo, aos poucos, a mão-de-obra humana.

Às cidades acorriam vagas de migrantes que, em busca de trabalho, sofriam os efeitos do desenraizamento, do alojamento precário e de condições de trabalho opressivas. Os intelectuais e a comunidade cultural viram estas crises como o malogro do Iluminismo e enjeitaram os valores da razão, da lógica, do empirismo e da ciência, pretendendo valores mais altos alicerçados na emoção, na imaginação, no gênio individual e na natureza. Desta mudança de atitude germinou o romantismo da primeira metade do século XIX. Ancorados na Natureza, os artistas deixaram-se arrebatados por uma verdade mais sublime (JANSON, 2010, p. 879).

Os sentimentos franceses de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” não ficaram restritos à política internacional, eles se envolveram com a arte do Romantismo, tanto que uma das características desse movimento é o Nacionalismo, e um dos pontos

altos era a arquitetura apresentada nesse período em um viés mais gótico e voltado para o urbano, conhecido como revivalismo clássico⁹ como a criação do Parlamento Inglês, símbolo da democracia inglesa. Logo, ao invés do foco a moralidade e dos valores, os artistas encontraram inspiração no intelecto da mente humana e na extremidade da física.

Figura 8 – ‘O Parlamento Inglês e o Big Ben’



Fonte: Moura (2007).

⁹ O revivalismo clássico era o aproveitamento de ideias do estilo neoclássico. Cidades inteiras, como Glasgow e Edimburgo, foram feitas pelo estudo neoclássico. Desenvolveu-se como uma reação ao espalhafatoso barroco e rocó. Na arquitetura, as ordens clássicas se popularizam. A simetria, o rigor geométrico e a monumentalidade são novamente as premissas básicas para os edifícios.

Certamente, a devastação causada pela Primeira Guerra Mundial foi enorme. A destruição foi física e psicológica na civilização Ocidental, e este foi o ambiente em que, provavelmente, as obras de arte mais marcantes foram produzidas, seja na arquitetura das cidades, ou nas telas de Pablo Picasso, em um dos períodos mais tristes da história da humanidade.

Enquanto a Europa entrava em uma futura crise do Capitalismo, e de regimes totalitários, os Estados Unidos iniciaram um período de prosperidade depois da Primeira Guerra Mundial, e nos anos 1920 se tornaram a grande potência mundial em termos tecnológicos e financeiros. Mais adiante, os temas artísticos escolhidos foram a cidade e a fábrica, em contraste com o campo, e com uma crítica social ao trabalho, surgia, então o Modernismo, baseado na espiritualidade e no regionalismo.

No Brasil, os “Anos Loucos”, ou anos de 1920, também foram marcado pelos movimentos modernos. As vanguardas europeias, como o Dadaísmo¹⁰ e o Cubismo¹¹ começavam a se

¹⁰ O Dadaísmo foi o único estilo produzido diretamente da Primeira Guerra Mundial. Era baseado no acaso e no *nonsense*. Concebido para subverter a lógica burguesa, acusada de dar início aos conflitos na Europa. Objetos comuns do cotidiano eram apresentados de uma nova forma e dentro de um contexto artístico

¹¹ O Cubismo tratava as formas da natureza por meio de figuras geométricas. A representação das artes não tinha nenhum compromisso com a aparência real das coisas. Paul Cézanne e Pablo Picasso são um dos mais conhecidos artistas desse

expandir e, com elas, também a proposta de uma ruptura com a estética tradicional.

Mesmo tendo sofrido influências das vanguardas europeias, um grupo de jovens artistas e intelectuais brasileiros, entre os quais Mário e Oswald de Andrade, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, tinha (sic) a proposta de recriar a nossa cultura, baseada nas nossas tradições e costumes. Esse grupo não queria mais uma cultura de importação e sim produzir algo nosso e, para isso, era preciso “devorar” tudo o que vinha de fora; era preciso romper com as tradições, era preciso se libertar da cultura que nos foi imposta (SILVA, 2010, p.1).

Mais adiante, a Semana de Arte Moderna aconteceu em São Paulo no ano de 1922, entre os dias 13 a 17 de fevereiro. A Semana de Arte Moderna marcou por ser uma renovação da arte no Brasil, em que se discutiam novos tipos de linguagem, na busca da experimentação, com a ruptura do clássico, em que a arte não tinha nada de vanguarda, era simplesmente moderna.

Logo, o evento apresentou poesias, pinturas, literaturas, esculturas e música, com um novo olhar, como, por exemplo, a poesia declamada ao invés de escrita, ou, a música por meio de concertos, onde antes só havia cantores sem acompanhamento de orquestras sinfônicas. Porém, o mundo ainda estava se preparando

movimento. O Cubismo nunca atravessou o limite da abstração, as formas foram respeitadas sempre.

para novas visões do pós-guerra, e uma “virada” de grande impacto social no mundo das artes.

Figura 9 – ‘Tal como na Idade Média, assim é o Terceiro Reich’ de John Heartfield



Fonte: Janson (2010).

Finalmente, o século XX do Pós-Guerra traz a arte como uma força mais importante. Os artistas começaram a perceber que as obras de arte não deviam se limitar aos meios tradicionais do óleo e das telas, em princípio, o período artístico que teve início em 1980 foi conhecido como Pós-modernismo.

Certamente, a atitude pós-moderna criou uma arte global, ao mesmo tempo em que gerou interesse e aceitação por todas as formas artísticas, considerando-as apelativas e interessantes. A revolução nas telecomunicações, após a Guerra Fria, reduziu o mundo ao tamanho de uma aldeia global, contribuindo para a emergência da arte mundial, e, além disso, o artista não mais cria a arte, ele a reproduz, como, por exemplo, o uso da mixagem, colagem, releituras.

A arte pós-moderna destruiu a credibilidade das hierarquias autoritárias de estilos, meios, preocupações e temas e abriu a porta das artes para tudo e todos, além disso, houve um profundo impacto na história da arte, geralmente contada de um ponto de vista restrito, centrado na evolução estilística.

Dessa maneira, a arte passou a ser abordada a partir de vários ângulos, tendo em conta questão de gênero, orientação sexual, etnicidade, raça, economia e política para demonstrar o significado das ideias de cada obra artística, isto é, com a revolução social e a Guerra do Vietnã, as novas tendências surgiram para desafiar o *status quo* do cenário internacional.

Figura 10 – ‘Drowning Girl’ de Roy Lichtenstein



Fonte: Janson (2010).

Sendo assim, nos anos 1980, os artistas tiveram autorização para uma não inovação, e fizeram isso se apropriando de qualquer objeto artístico da história da civilização, por meio de estilos e meios imagináveis, como os quadrinhos remontados da *Pop Art* de Roy

Lichtenstein (1963), e os *designs* de produtos populares de Andy Warhol (1962).

OS ANOS 1980 E A CULTURA ARTÍSTICA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHO

Mais adiante, nos anos 1980, o mundo passou por sérias mudanças, como o surgimento do AIDS, a união contra totalitarismos e ditaduras e o avanço do consumismo pela globalização. O ambiente social de 1980 caracterizou-se por políticas conservadoras e um neoliberalismo econômico, decorrentes, em grande parte, dos governos de Ronald Reagan, na presidência dos Estados Unidos, e de Margaret Thatcher, como primeira-ministra do Reino Unido.

Como resultado, a derrota da greve das minas de carvão em 1985, na Inglaterra, representou uma virada histórica na política mundial. Até aquele momento, o sindicato dos mineiros colocava medo aos empresários e ao governo, tendo grande influência sobre os políticos e partidos, porém, eles tinham uma opositora, a primeira-ministra Margaret Thatcher, a Dama de Ferro do Liberalismo.

A partir desse cenário, Margaret Thatcher via o sindicato dos mineiros como um dos problemas a se “passar por cima”, ela os acusava de preparar a longa marcha rumo a uma utopia marxista. A

primeira-ministra fez de tudo para enfraquecer o poder do sindicato, e o estopim aconteceu em cinco de março de 1984, quando o governo anunciou o fechamento da mina de Cortonwood, em Yorkshire e, no dia seguinte, Ian MacGregor, responsável nacional pelas políticas do carvão, deu o resto da má notícia, era só o começo de um processo que acabaria com 20 minas e 20 mil empregos.

O centrismo liberal e a economia keynesiana ficaram subitamente fora de moda. Margaret Thatcher lançou o chamado neoliberalismo, que era na realidade um conservadorismo agressivo de um tipo que não era visto desde 1848, e que envolveu uma tentativa de reverter a redistribuição do Estado de Bem-Estar, de modo a beneficiar as classes superiores e não as classes mais baixas (MARIANI *apud* WALLERSTEIN, 2007, p. 2).

Enquanto isso, nos Estados Unidos e nas Américas, a história também não era muito diferente. O Neoliberalismo de Reagan elevou as taxas de juros e baixou os impostos dos ricos, porém não acatou o controle orçamentário, e, assim, em tempos de Guerra Fria, gastou muito dinheiro em uma corrida armamentista com a União Soviética, levando os Estados Unidos ao maior déficit público daqueles tempos.

Considerando o processo neoliberal socialmente desigual dos anos 1980, houve desempregos e um grande aumento nas diferenças sociais. Provavelmente, o Estado não teve tanta participação na

economia, logo, os anos 1980 assimilaram várias formas de capitalismo, no caso “a vitória política do neoliberalismo, representada pela ditadura de Pinochet (1973) e pelos governos Thatcher (1979) e Reagan (1980); a interrupção da ‘construção nacional’ no Terceiro Mundo, esmagado pelo peso insuportável da dívida externa, imposta pelas oligarquias financeiras globalizadas; a auto-desintegração da União Soviética” (CASTRO, 2009).

Com o fenômeno da globalização, que, segundo Hobsbawn (1995), sugere a ideia de unificação do mundo, como resultado dos três processos que marcaram o fim do “breve século XX”, os “padrões de comportamento” e “valores universais” causavam consequências para países pobres e em desenvolvimento, como o Brasil, em que existiam altos índices de inflação e dependência do capital internacional, e enquanto a política internacional tentava entender o final da bipolaridade, visões conservadoras quanto à liberdade de expressão surgiam, mas a busca por mais liberdades e justiça social também crescia, com o fortalecimento de movimentos sociais e a mobilização de uma nova juventude.

Diferente dos anos 1960, a juventude dos anos 1980 não apostava mais no modelo comunal, como os *hippies*, nem numa severa filiação ideológico-partidária, ela era mais individualista e pragmática, às vezes vista como indiferente ao cenário político internacional de seus países.

Essa diversidade de ideologias levou ao surgimento de um rock mais próximo do *pop*, mas também mais melancólico e nostálgico, nos Estados Unidos, por exemplo, Bruce Springsteen (1984) falava do cotidiano das classes baixas e dos trabalhadores norte-americanos, e o álbum “muro das consciências”, ou ‘The Wall’ (1979), criado pelo Pink Floyd, mostrava o problema da alienação política e uma falta de consciência crítica daquele tempo.

A década de 80, apelidada de “década perdida” no sentido econômico, foi vista por alguns do mesmo com relação à participação juvenil (política e socialmente). A principal justificativa para isso pode ser a crise mundial do período. No rastro do processo de redemocratização de muitos países da América Latina, sobravam crises econômicas, sociais e dívidas externas fabulosas. O Brasil, inserido neste processo, se viu envolvido numa crise sem precedentes. As juventudes urbanas do período passaram a representar a alienação, a despolitização e a falta de identificação com movimentos sociais, como já fora observado antes. Somando-se a isso, o mundo ainda enfrentava o “fantasma” da Guerra Fria e a clara percepção dos efeitos da globalização, culminando numa eminente crise de identidade que acrescentada à crise econômica, faziam do mundo um grande campo de incertezas (RAMOS, 2010, p.2).

Logo depois, entre os novos tempos de globalização e novos valores consumistas, surge um novo tipo de história em quadrinho, mais adulta e com uma estética voltada para a crítica à sociedade, a

graphic novel, ou, romance gráfico, é uma espécie de livro, contando uma longa história através de uma arte sequencial. O termo surgiu com Will Eisner, em sua obra ‘Um Contrato de Deus’ (1978), em que Will não queria que ela fosse catalogada como *comic book*, e sim como uma *graphic novel*.

Com o surgimento das *graphic novels*, passa-se a usar outra linguagem, de falsa esperança, como os jovens dos anos de 1980 e o futuro 1990, em que se retrata o caos dos tempos de Neoliberalismo. Esse novo tipo de quadrinho, para a época, representava a velocidade de informações, o computador de mesa, o controle remoto da televisão, e inovava no aprofundamento das questões psicológicas, e obscuras, de personagens conhecidos e que às vezes poderiam ser trabalhados como anti-heróis, como o Batman de Frank Miller, em ‘O Cavaleiro das Trevas’ (1986).

Em sua narrativa, a *graphic novel* se mistura em diferentes momentos, chegando a ter seis narradores diferentes, díspares das HQ’s tradicionais, que têm a narração similar a de um conto de fadas. O momento da *graphic novel* é retrato de 1980, o do medo paranoico com a bomba atômica, as misturas de conceitos e diferentes estilos na arte pós-moderna e o ressurgimento de políticas autoritárias, em que, segundo Christopher Lasch (1986), o homem se encontrava sitiado.

Em uma época carregada de problemas, a vida cotidiana passa a ser um exercício de sobrevivência. Vive-se um dia de cada vez. Raramente se olha para trás, por medo de sucumbir a uma debilitante nostalgia; e quando se olha pra frente, é para ver como se garantir contra os desastres que todos aguardam. Em tais condições, a individualidade transforma-se numa espécie de bem de luxo, fora de lugar em uma era de iminente austeridade (LASHC, 1986, p. 9).

Possivelmente, as preocupações dos novos tempos estavam presentes nas *graphic novels*, e o surgimento de ‘Batman – O Cavaleiro das Trevas’, ‘Watchmen’ (1986-1987) e ‘Wolverine’ (1990) são exemplos de um possível confronto nuclear que, felizmente, não veio a se concretizar entre os Estados Unidos e a União Soviética. No caso de ‘Watchmen’, por exemplo, “é possível ver com clareza o conflito entre os dois modelos econômicos que dividiam o mundo de 1985 (...) de um lado temos o capitalismo capitaneado pelos Estados Unidos da América e do outro temos o comunismo da União Soviética” (CHIRONE, 2009).

Também existiam os problemas ambientais, em ‘Orquídea Negra’ uma heroína luta contra um magnata em um ambiente cinzento e poluído. Juntamente com um amigo, Orquídea Negra cruza o seu material genético com uma poção dedicada a criar homens-planta, apropriados à regeneração do mundo, ao

transformarem dióxido de carbono em oxigênio, alimentando o solo, o ar e a água.

Já em ‘X-Men – O Conflito de Uma Raça’, a crítica é à intolerância e ao fundamentalismo religioso, somados à diferença social vivida em 1980. Na história de Claremont e Anderson (1982), um grupo paramilitar age em segredo executando mutantes, então, os X-Men terão que lutar por suas vidas, já que são vítimas de uma campanha que estimula o ódio e o racismo.

Outra abordagem relacionada à década de 1980, e suas mudanças no cenário internacional, era da *graphic novel* ‘Ronin’ (1984), de Frank Miller. O enredo apresenta o Japão feudal e um samurai, Ronin, em busca de vingança contra a morte de seu pai, acaba em uma Nova York do futuro altamente tecnológica, o pano de fundo da história é o processo de globalização e o crescimento do império nipônico na economia mundial durante a Guerra Fria.

Além das questões nucleares, a *graphic novel* ‘Batman, O Cavaleiro das Trevas’ trouxe uma nova abordagem sobre a sociedade e a globalização. Com uma visão mais sombria e adulta, Frank Miller apresenta os problemas de políticas públicas na cidade de Gotham, onde o saneamento não existe, os becos são escuros e frios e a violência urbana é o que impera em futuro nada alegre. Logo, só resta ao Batman resolver os problemas com a força bruta, em que os criminosos são mortos, e o senso de justiça com as próprias mãos é

questionado por Gotham e pelos direitos humanos, tornando o Batman um fora-da-lei.

Figura 11 - ‘Batman - O Cavaleiro das Trevas’



Fonte: Omelete (2009).

Semelhantemente, uma *graphic novel* criticou o seu tempo de emergência dos partidos conservadores, e foi mais além nas questões dos problemas políticos, sociais e relacionados à cultura. O criador de ‘Watchmen’, Alan Moore, criou um mundo paralelo e único, com a aclamada ‘V de Vingança’ (1981).

No enredo da *graphic novel*, surge um terrorista chamado ‘V’ que luta pelo julgamento dos poderosos em uma Inglaterra futurista com um olhar no passado, após uma Terceira Guerra Mundial, assolada por bombardeios, em que o caos imaginário reina. Depois de algum tempo, a ordem é estabelecida, mas por meio de manipulações políticas e ideológicas de um governo fascista que caça os direitos civis, impõe censura aos meios de comunicação e reprime violentamente os que lutam contra.

No mundo de ‘V’, livros, músicas e obras de arte são considerados perigosos para a manutenção da ordem social, e, assim, são extintos. Ainda existem os considerados não adequados à nova ordem mundial da Inglaterra do futuro, no caso, são estrangeiros, muçulmanos, negros e homossexuais, que são encaminhados aos chamados “campos de readaptação”, são torturados e feitos cobaias de experiências. ‘V’ é um homem que sobreviveu às experiências

desse país nefasto, e, usando sempre uma máscara de Guy Fawkes¹², vai eliminando os líderes fascistas.

Margareth Thatcher está entrando em seu terceiro mandato e fala confiante de uma liderança ininterrupta dos Conservadores no próximo século. Minha filha caçula tem sete anos, e um jornal tablóide acalenta a idéia de campos de concentração para pessoas com AIDS. Os soldados da tropa de choque usam visores negros, bem como seus cavalos; e suas unidades móveis têm câmeras de vídeo rotativas instaladas no teto. O governo expressou o desejo de erradicar a homossexualidade até mesmo como conceito abstrato (MOORE, 1988, p. 8).

O mundo criado por Moore é sem esperanças e frio, porém não foi uma realidade muito distante da Inglaterra, e do mundo, nos anos 1980 e 1990. O medo do retorno a um fascismo era evidente, era o que mais se sentia nesse período, medo. Portanto, a ideia de liberdade e democracia ainda não era muito bem desenvolvida naquele tempo, a comunidade internacional começava a “engatinhar”

¹² Resgate da história de Guy Fawkes, líder de uma conspiração, a Gunpowder Plot que, no século 17, planejava destruir a sede do Parlamento Inglês, símbolo da monarquia parlamentarista. Alan Moore traz para ‘V’ uma máscara com traços desse antigo conspirador, identificando suas concepções ideacionais, fazendo uma analogia com a realidade da Inglaterra.

em outras questões além de guerra entre Estados, como os direitos humanos, por exemplo. Os tempos eram outros, e ‘V de Vingança’ havia chegado para esclarecer que a população mundial não era desinformada, e que tinha ânsia de signos mais intensos que não só envolvessem o conservadorismo.

A ANARQUIA DE ASHLEY E O CENÁRIO DE ‘V DE VINGANÇA’

Para o jovem Alan Moore, Nova York parecia ser uma cidade futurística. Ele foi expulso do colégio aos 17 anos por uso de drogas, ao mesmo tempo em que teve que se dedicar a várias ocupações menores para garantir sua manutenção, foi aos poucos se infiltrando no mundo das histórias em quadrinhos.

Em 1982, foi criada por Alan Moore para a revista ‘Warrior’ (1982), em preto e branco, ‘V de Vingança’. Moore, de tendências anarquistas, e favorável a um modo de vida heterodoxo, se via num choque com o mundo globalizado de Thatcher e Reagan, sendo assim, com desenhos de David Lloyd, a *graphic novel* ‘V de Vingança’ surge com a ideia de um futuro ruim da realidade política do Reino Unido, adaptando para o que parecia distante ano de 1997, e ocasionando uma crítica ao país que era administrado pela primeira-ministra Margareth Thatcher.

Como resultado, surge ‘V de Vingança’, a fim de apresentar a Inglaterra imersa no caos após uma guerra nuclear, em que o governo fascista extinguiu os direitos dos cidadãos e acabou com as minorias raciais e sexuais, criando campos de concentração e adotando forças policiais corruptas. Logo, é imposta uma censura e são utilizadas tecnologias para manutenção da ordem social. Lembrando os clássicos de George Orwell, surge ‘V’, o anti-herói e terrorista dos novos tempos, que irá travar uma luta incansável contra a ditadura inglesa, na tentativa de mostrar à população que existe uma possibilidade de mudança, que existe algo além daquelas “barreiras” criadas, que existe liberdade.

Com a nova caracterização mundial, causada pela revolução dos anos 1980, a crítica pós-moderna trouxe novos ares e inspirações para os artistas. Possivelmente, o foco é a reflexão sobre os processos de produção do conhecimento para uma abertura de um pluralismo metodológico, e trazendo, enfim, uma reavaliação sobre estudos racionalistas, positivistas, materialistas, individualistas e estados-cêntricos, que por muito tempo dominavam a área das Relações Internacionais, além disso, autores como Derrida (1967) e Harvey (1993) apontaram o pós-modernismo como:

A globalização; o relativismo; e o pluralismo, caracterizados pela dissipação da objetividade e da racionalidade, tidas como tipicamente modernas; a espetacularização da sociedade, marcada pela centralidade da mídia e da imagem; a cultura de massa; a normalização da mudança pela perpetuação de tudo como volátil e transitório; o papel do indivíduo na sociedade como primordialmente consumidor; e a comoditização do conhecimento (CALDAS e VIEIRA, 2006, p. 64).

Um dos estudiosos do pós-modernismo mais conhecidos é Richard Ashley (1987), que já havia feito uma grande carreira como teórico na área das Relações Internacionais, e na sua maioria fez crítica ao Neorrealismo, o seu ponto de partida para pesquisas pós-modernas. De certa forma, os estudos se encontravam mais agregados à teoria crítica do que ao pós-modernismo, e seus artigos tinham esclarecimento na geopolítica e anarquia.

Para Ashley, existe a problematização em relação ao saber teórico da área de Relações Internacionais e o exercício de poder por parte de um sujeito, julgado como competente e racional, ator único e com privilégios nas relações internacionais: o Estado. Ashley argumenta que, ao aplicar o logocentrismo típico do pensamento ocidental, as relações internacionais criam um mundo dividido em duas esferas, ou seja, existe uma dicotomia entre o internacional e o doméstico.

Ao propor a desconstrução dessas práticas heroicas, Ashley retira do Estado suas características de entidade estável, homogênea, unitária, a histórica e imutável e problematiza o próprio fundamento no qual ele se sustenta (a dicotomia anarquia/soberania). Ele argumenta que o discurso da área de RI se caracteriza pela transferência das contradições presentes dentro das comunidades políticas para a esfera externa, transformando as diferenças dentro das sociedades em diferenças entre Estados, legitimando a existência de um poder estatal soberano e unificado para manter as esferas separadas (RESENDE, 2011, pp. 75-76).

Além disso, o Realismo reproduz uma lógica errônea de soberania, em que o Estado seria sem origem, e, conseqüentemente, a área de RI se esforça em esquecer que a origem do Estado está ligada à própria origem do processo de formação do sistema internacional, logo, o Estado é uma construção história – feita pela humanidade – e não um dado natural e, ao propor essa desconstrução, Ashley tira o Estado de sua “zona de conforto” como entidade estável, heterogênea e imutável.

Nesse sentido, Ashley faz uma crítica ao Neorealismo de Keohane e Waltz. Em ‘O Homem, o Estado e a Guerra’, Waltz desenvolve uma teoria da História com base em um pensamento logocêntrico, ou seja, apresenta o Estado soberano, que fica ao centro de todos os estudos, concebendo o ‘homem’ em oposição à ‘guerra’, dando privilégios ao primeiro e discriminando o segundo.

Para Waltz, o ‘homem’ tem uma identidade pré-estabelecida e racional, enquanto a anarquia e a guerra eram justamente a ausência da dita racionalidade, porém Ashley argumenta que existe um ciclo de contradição no estudo de Waltz, pois a racionalidade do homem ocidental só atinge a soberania, que seria o estado de paz, ao ter o caos como seu oposto, sendo assim, a racionalidade do ‘homem’ de Waltz exigia a guerra e a anarquia para encontrar seu equilíbrio, e, então, como condenar algo que é visto como necessário para se alcançar o *status* de soberano? Além do mais, não existe essa estabilidade no cenário internacional, que se encontra em constante mudança ao passar dos tempos.

Como o pós-modernismo, o mundo de ‘V de Vingança’ é cheio de combates contra a dualidade. Assim como os estudiosos do pós-modernismo, o protagonista ‘V’ luta contra a modernidade, procurando olhar para a realidade, organizando um plano para destruir o regime totalitário na Inglaterra, e o discurso dominante do Estado que o realismo traz, no caso dos estudos pós-modernos, as teorias relacionadas à soberania do Estado.

Reconhecendo que o ideal seria os Estados colaborarem em prol de um interesse comum, sendo essa aliança o garante de um ambiente de paz, segurança e prosperidade mundial, tal não parece ser a realidade, existindo, para esse resultado, um aspecto essencial que conduz todos os Estados e os seus

líderes: o poder. Tal como iniciei esta minha reflexão, o comportamento dos Estados passa pelo comportamento dos seus cidadãos, enquanto seres humanos. Parece-me claro que o ser humano gosta de ter poder e deseja obtê-lo sempre e do modo que for possível, podendo esse poder traduzir-se sobre várias formas (económico, político, financeiro, religioso, territorial, social,...). Ora, com os Estados acontece o mesmo, e estes procuram, acima de tudo, atingir os seus objectivos pessoais, de modo a satisfazer a sua população, pois é ela que garante eleições, que garante o apoio aos seus líderes, e quando assim não acontece, normalmente significa que os líderes do Estado procuram satisfazer os seus objectivos pessoais, através do reforço do seu poder político e económico, algo muito comum nos regimes ditatoriais (REDONDO, 2010, p.1).

O principal objetivo dos críticos pós-modernos é demonstrar que as teorias dominantes se transformaram em um discurso de poder estatal, reproduzido por redes de poder com o alvo de disciplinarizar o que seria ou não legítimo na área de RI, o além do mais é que existem outros estudos, como os de vanguarda, além das barreias criadas pelas teorias clássicas, algo parecido com o objetivo do anti-herói de Alan Moore, que é uma elaborada e teatral campanha para derrubar o Estado da Inglaterra futurista que aliena e provoca medo na população.

Uma vez desenhado o quadro, as artes e as relações internacionais vão se conectar para tentar estremecer os conceitos e

as teorias dominantes, e então, demonstrar a importância da pós-modernidade e de estudos de vanguarda ligados à cultura artística.

Tomando a proposta de Ashley e a desconstrução da anarquia, a interpretação do quadrinho ‘V de Vingança’, nos estudos pós-modernos, é de que o cenário político está dividido entre o doméstico e o internacional. A jovem Evey vive em uma Inglaterra pós-guerra nuclear, e desconhece outra esfera, apenas o Estado, competente e racional, que diz protegê-la, mas que, na verdade, prende os indivíduos, pois rejeita outras culturas, e trata o internacional como algo desconhecido e ruim.

Em uma determinada passagem da obra, a personagem Evey está conversando com o ‘V’ em seu esconderijo, a Galeria das Sombras, cheio de obras literárias e cinematográficas e questiona: “Onde você conseguiu isso tudo?” e ‘V’ responde: “Grande parte veio do Ministério de Objetos Censuráveis.”

Nessa perspectiva, fica clara a ignorância da personagem Evey com o cenário internacional, ela é um exemplo do indivíduo alienado pela soberania, não conhece Frank Sinatra, ou tem uma vaga lembrança de Shakespeare, no caso, existe uma submissão racional por sua parte, pois, provavelmente, não quer mergulhar na desordem e na incerteza da anarquia, mas, ao mesmo tempo, ela sente falta de conhecer outras culturas, outros meios de se pensar na vida, porém, lhe foram impedidas.

Por certo, o plano de ‘V’, nos quadrinhos, é destruir o regime totalitário, fazendo um alerta a população da Inglaterra de que os ideais de liberdade foram esquecidos, o governo usa violência ao invés do diálogo, mas as palavras sempre manterão o seu poder, pois elas têm significado, no caso, a enunciação da verdade¹³, e a verdade, para ‘V’, é que existe de algo errado com o seu país, mas que se formos procurar os culpados basta se olhar no espelho, pois o medo do desconhecido corrompeu os indivíduos.

Além disso, ‘V’ destrói patrimônios importantes como o Palácio da Justiça da Inglaterra, comete homicídio contra os poderosos por trás do sistema totalitário, e instala o caos no Estado com a quebra da vigilância militar, colocando nas mãos da população o rumo das ideias revolucionárias tomadas por ele, pois, a anarquia se fez necessária para que os indivíduos pensem por si sós, e que repudiem qualquer um que tente fazer suas cabeças como seres não pensantes.

O discurso de ‘V’, no quadro seguinte, é uma alusão ao amor do cidadão pela justiça, a “senhora” que torna tudo mais simples, porém a justiça da Inglaterra não anda cooperando e o monólogo

¹³ A ‘verdade’ discorrida no parágrafo não tem ligação com o conceito de “verdades” do pós-modernismo, em que se quebra o pensamento de “uma verdade lá fora” de outras teorias, como, o realismo. A ‘verdade’ é a ilustração do pensamento do personagem ‘V’.

ilustra uma suposta traição de ‘V’ ao preferir “outra”, absorvendo uma nova forma de pensar a política do seu Estado, com a sua nova “amante”, a anarquia.

Figura 12 – ‘V de Vingança’



Fonte: Vertigo (2006).

De tal forma, a crítica pós-moderna de Ashley fez o papel parecido com o do anti-herói ‘V’, permanece a ideia do afastamento da estabilidade estatal, e apresenta a anarquia como necessária para o desenvolvimento do Estado soberano, pois sem caos não existe ordem, trazendo o pensamento lógico, diferente da concepção realista, de que o Estado é uma construção histórica não é um dado natural, e que, talvez, a escolha de viver em ordem com controle, ou, caos com liberdade, só dependa do cidadão e não do Estado.

Portanto, a realidade política internacional influenciou o processo de mudança das artes com o passar do tempo, porém, o que marca o estudo é o pensamento das ideias da sociedade quanto à mudança que esta deseja. No caso, a vingança do terrorista ‘V’ é, provavelmente, a luta interna que temos ao nos amarrar em alguma teoria, o que acontece é que ficar preso a ideias pode ser perigoso, porém, como mostrou o estudo, a reavaliação do pós-modernismo quanto às teorias clássicas é o tipo de atitude que a sociedade deveria tomar ao ser colocada de lado nas decisões sobre o pensamento político, e que talvez a desconstrução proposta pelos estudos pós-modernos seja o caminho certo para a realidade internacional.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Provavelmente, os artistas não teriam tanta criatividade sem os acontecimentos internacionais, os problemas relacionados à guerra e a economia trouxeram um novo modo de expressão artística, em que a realidade internacional influencia a arte, que conseqüentemente, se conecta com o modo de vida de toda uma sociedade.

O objetivo foi evidenciar o processo da realidade política internacional influenciando a arte em seus diferentes séculos, como,

a ligação do Renascentismo com o ouro e a valorização das ideias do homem, ou, o processo da Revolução Industrial e o avanço no progresso com ligações ao Romantismo e ao Neoclassicismo.

Posteriormente, a reflexão sobre os assuntos de vanguarda continua com o surgimento de um novo tipo de história em quadrinho, a *graphic novel*, que é basicamente influenciada pelos anos 1980 e 1990, com as crises políticas, econômicas e sociais, com uma abordagem mais escura e realista, longe dos quadrinhos fantasiosos e infantis.

Em seguida, o cenário da realidade internacional se volta para a obra ‘V de Vingança’ e os estudos pós-modernos relacionados à anarquia de Richard Ashley, incluindo pensamentos de ideais revolucionários, e o questionamento de teorias clássicas das relações internacionais continuarem a ignorar novos temas e novas teorias para se dedicar ao estudo da soberania do Estado.

Desse modo, a área de RI continua transgredindo, assim como a história da arte, sempre a um passo à sua frente, porém o cenário internacional é cheio de acontecimentos imprevisíveis, e cabe uma reavaliação de ideologias e ideias, fixadas ao positivismo do Realismo para que, possivelmente, possamos dar o valor aos estudos de vanguarda, relacionados à arte no campo das relações internacionais.

CAPÍTULO 3

Cultura artística e sua influência na
realidade internacional

CULTURA ARTÍSTICA E SUA INFLUÊNCIA NA REALIDADE INTERNACIONAL

O desenvolvimento da terceira, e última, parte do trabalho foca no envolvimento da influência artística nas relações internacionais, e em como a evolução histórica da humanidade, voltada para política e economia, precisa de movimentos culturais para, até mesmo, que estratégias estatais funcionem, e que revoluções aconteçam.

Portanto, na primeira parte do último capítulo, são apresentados os movimentos relacionados ao desenvolvimento da sociedade no sistema-mundo de Wallerstein. Dos *minissistemas* aos *macrossistemas*, as relações internacionais precisaram, e precisam de cultura para um desenvolvimento político e econômico, seja em períodos relacionados ao Egito Antigo, até a economia-mundo, a cultura sempre auxiliou as questões de segurança, de democracia e de relacionamentos interdependentes, levando aos dias atuais e as necessidades de novas visões relacionadas à diplomacia e paradiplomacia.

Em um segundo momento, os exemplos de cultura na diplomacia e na paradiplomacia apresentam a cultura artística como indispensável em alguns momentos históricos. O efeito diplomático

seria o Estado se utilizando da arte para atingir os seus objetivos, e surgem momentos relacionados à Política da Boa Vizinhança norte-americana, com personagens de Walt Disney, e uma metalinguagem cinematográfica com o filme ‘Argo’.

Mais adiante, o efeito paradiplomático apresenta a dinâmica artística tomando proporções maiores que o Estado, no caso, o dinamizador, um impulsionador de novos comportamentos. Exemplos aparecem com o festival *Woodstock* e as suas novas ideologias nos anos 1969, e a revolução sexual contemporânea, com a série de livros ‘50 Tons de Cinza’.

Logo, como uma “questão espelho” do capítulo anterior, a obra de Alan Moore e David Lloyd, ‘V de Vingança’, retorna na discussão, porém não é mais a realidade influenciando diretamente os pensamentos, como na década de 1980, mas sim, a cultura se utilizando de ideais da *graphic novel* e da adaptação cinematográfica pós-11 de setembro, para apresentar o cenário contemporâneo de revoluções democráticas e virtuais.

A REALIDADE HISTÓRICA INTERNACIONAL E A CULTURA DOS SISTEMAS-MUNDO

A evolução da humanidade pode ser estudada por diferentes aportes teóricos que permitem minimamente delinear determinadas

generalidades passíveis de comparação dentro de categorias que se desenvolvem no tempo e no espaço, por meio de forças dinâmicas engendradas por determinados atores ou por influências cristalizadas nas estruturas sistêmicas na longa duração.

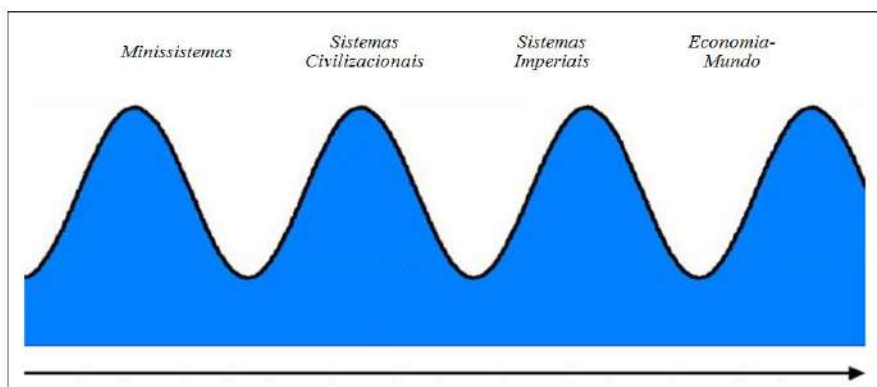
Segundo a perspectiva crítica das relações internacionais, identificada pela *análise de sistemas-mundo*, é possível identificar a existência de diferentes macrossistemas de organização social que se estruturam ao longo do tempo e no espaço por meio de ciclos sistêmicos que são permeados pela noção de hegemonia de determinados atores (WALLERSTEIN, 2004).

A compreensão dos ciclos hegemônicos em distintos macrossistemas de organização social trata-se de um instrumental relevante para determinar os períodos de ascensão e declínio de certos atores hegemônicos e de suas influências nas estruturas de seus respectivos sistema-mundo, com base na predominância da força, manifestada pelo *poder duro* (político), e/ou, na predominância do consenso, com base em um poder brando (econômico e cultural).

Compreende-se, portanto, que os macrossistemas de organização social desenvolvidos na história humana estão sempre contextualizados dentro de sistemas-mundo específicos, os quais são dinamizados por lógicas com predominância política, econômica ou

cultural, segundo determinados padrões específicos de relacionamento entre os atores que acabam por se cristalizar nas estruturas sistêmicas e, reciprocamente, impactando na própria conduta humana.

Figura 13 – Evolução dos Sistemas-Mundo



Fonte: Elaboração própria.

A partir de uma leitura livre sobre a análise de sistemas-mundo, sem um rigor metodológico ao materialismo dialético que lhe é característico, é possível apreender na evolução das diferentes cosmovisões sincrônicas dos múltiplos macrossistemas de organização social, a existência de, ao menos, quatro sistemas-mundo - *minissistemas*, *sistemas civilizacionais*, *sistemas imperiais* e *economia-mundo* - os quais são estruturalmente cristalizados por

dinâmicas dos atores de natureza geoeconômica, geopolítica e geocultural.

Nos *minissistemas-mundo*, caracterizados por sociedade mecânicas de natureza tribal e comunitária, com baixo grau de expansão territorial na América pré-colombiana, na Europa feudal, ou, na África e Oceania pré-colonialismo, observa-se a presença de convergências geoculturais, bem como de divergências geopolíticas e geoeconômicas, de maneira que a dinâmica predominante de uma destas tendências será específica a cada sociedade, conduzindo a uma cosmovisão de mundo em que, em alguns casos, a esfera cultural determina as demais esferas, ou, em outros casos, há prevalência coercitiva da esfera política sobre as demais esferas.

Então, vivemos em ciclos de evolução determinados por sistemas-mundo, cada um com sua identidade cultural, política e financeira, de uma visão cosmológica alicerçada em outra axiológica, cultural e artística, e que são determinadas nesses sistemas-mundo como dinamizadoras internas da sociedade. Para ilustrar, um vilarejo do Japão feudal vive em seu sistema-mundo, com política e economias próprias, e em certos momentos os governantes desse vilarejo utilizaram da cultura e artes pra conseguirem atingir seus objetivos, seja lá esses qual forem.

Um dos exemplos de sociedade que viviam em seu sistema-mundo eram os esquimós, que tinham origem nos *yupkis*. Os *yupkis* são herdeiros da cultura e da bagagem genética dos primeiros povos que migraram da Ásia, estabelecidos nas terras mais férteis próximas ao litoral e com caça farta. Já os ancestrais *inuits* ocuparam as áreas mais inóspitas por volta de 1400 a.C., nômades e vivendo isolados nos iglus, os *inuits* não passavam de 5% da população no século 18.

Eles praticavam uma religião xamânica, com rituais para atrair bons augúrios para as caçadas, curar ou controlar o clima. O principal meio de transporte era o trenó, puxado por cães. Animais nativos gozavam de um grande simbolismo. A caça ao urso era a cerimônia de transição dos jovens para a idade adulta. A da baleia tornou-se um evento principal, pois produzia carne capaz de sustentar uma tribo por semanas (RODRIGUES, 2010, p.1).

Algum tempo atrás, entre 1914 e 1918, surgiu um estudo relacionado a comunidades que viviam na Nova Guiné, onde não existiam ideias de balança de poder, ou Estados, e muito menos Capitalismo. No livro ‘Os Argonautas do Pacífico Central’, Bronislaw Malinowski, antropólogo inglês, faz uma investigação sobre tribos que não vivem no sistema-mundo político e econômico, e faz uma descrição do *kula*, um sistema de troca vasto e praticado por comunidades tribais.

Além disso, Malinowski examina o eixo dessas trocas em dois artigos, os longos colares feitos de conchas vermelhas, chamados de *soulava*, e os braceletes de conchas brancas, os *mwali*. Cada artigo tem seu sentido e significado, pois as comunidades têm um relacionamento intertribal, localizadas em um grande circuito de ilhas que formavam um círculo fechado. Os artigos viajam em direções opostas e quando finalmente se encontram, são trocados cerimonialmente, então, esse seria o aspecto primordial do *kula*, em que são encontradas atividades de trocas secundárias de bens que são essenciais à sua economia.

O *kula* é, portanto, uma instituição enorme e extraordinariamente complexa, não só em extensão geográfica mas também na multiplicidade de seus objetivos. Ele vincula um grande número de tribos e abarca em um enorme conjunto de atividades inter-relacionadas e interdependentes de modo a formar um todo orgânico (MALINOWSKI, 1978, pp. 71-2).

Então, o *kula* é firmado numa parceria entre tribos, criando uma interdependência entre elas, no caso, as necessidades são supridas, o que uma comunidade precisa, a outra dá e recebe em troca algo de que também precisa. Esse mecanismo é indispensável na sobrevivência da economia do circuito fechado, e gera um grau de confiança entre eles, melhorando os ideais relacionados à honra e

moral, tópicos totalmente culturais, e até contemporâneos, de uma sociedade que não tem contato algum com sistemas de políticas internacionais.

Mais adiante, no período feudal, a Igreja Católica dominava o cenário religioso, era detentora do poder espiritual, influenciava o modo de pensar, a Psicologia e as formas de comportamento na Idade Média, além disso, a igreja também tinha grande poder econômico, pois possuía terras em grande quantidade.

Dessa forma, a cultura valorizada era a educação, marcada pela influência religiosa, ensinava-se Latim, doutrinas religiosas e táticas de guerras, logo, essa cultura artística medieval fazia com que a população se interessasse por batalhas, visto que na educação das futuras gerações, a guerra seria um instrumento cultural como a principal forma de se obter poder, com os aumentos das terras dos senhores feudais.

A cultura trata-se de um fim em si mesmo na maior parte dos minissistemas, haja vista que a visão cosmológica destas sociedades mecânicas, caracterizadas pela homogeneidade e baixo grau de especialização, é ditada pela primazia ou pela predominância de um conteúdo cultural, valorativo e artístico, já que há transbordamento axiológico (princípios e valores) sobre as demais esferas: política e econômica.

Nos *sistemas civilizatórios*, o maior adensamento e organização social dão maior complexidade aos macrossistemas sociais, de modo que há uma ampla expansão territorial da cosmovisão do mundo, com base em padrões geoeconômicos e geoculturais específicos que levam à construção de grandes civilizações, nas Américas (Inca, Maia e Asteca) e no Oriente Médio (Egípcia, Mesopotâmica, Hebréia, entre outras), embora com divergências geopolíticas que levaram a constantes guerras.

Na maioria dos sistemas civilizacionais há a persistência de padrões geoculturais convergentes dentro de uma macro-organização social que adquire escala e difusão territorial, embora se observe que o tripé cultural-ideológico, de natureza *político-religiosa*, que se manifesta pelos atores *hegemons*, deixe de ser identificado como uma finalidade, e passe a utilizar a cultura artística como um meio de cristalização do poder.

No Egito Antigo, o poder político que o faraó exercia se baseava em ser considerado um deus, ou seja, na religião. A população obedecia e respeitava um ser que considerava supremo, então, grande parte se submeteu a um trabalho escravo, e que no fim se resultou em uma civilização inteira, tanto politicamente, quanto economicamente, por causa de sua cultura religiosa.

Ademais, os egípcios acreditavam que depois da morte havia outra vida, e, dessa forma os setores da sociedade e também a arte, eram voltados à religião e os preparativos para o "além da vida", as pirâmides, por exemplo, foram construídas numa época em que os faraós exerciam máximo poder político, social e econômico, quanto maior a pirâmide, maior o poder do faraó. Os escultores egípcios representavam os faraós e os deuses em posição serena, muitas vezes de frente, sem demonstrar nenhuma emoção, pretendiam com isso traduzir, na pedra, uma ilusão de imortalidade.

Os Astecas, Incas e Maias faziam parte também de um sistema civilizatório, em que antes da chegada do europeu, milhões já habitavam a América, em suma, cerca de 88 milhões de ameríndios vivendo no continente. Esses povos eram organizados em tribos e em sociedades relativamente complexas, as quais possuíam organização social, política e econômica. No caso dos Maias, por exemplo, eles tinham uma sociedade rígida e hierarquizada, onde as camadas mais baixas eram obrigadas a pagar altos impostos para o imperador, considerado um ser divino. Sua economia era fundamentada na agricultura, principalmente no cultivo do milho, alimento que era visto como algo sagrado, algo totalmente cultural.

Outro importante exemplo envolvendo a ligação cultural com o poder ocorre na Índia. A Índia é um país asiático que possui uma população de aproximadamente 1,1 bilhão de habitantes, e desse

absoluto, cerca de 75% são seguidores da religião hindu, a principal religião da Índia, que interfere diretamente na estruturação social, uma vez que o hinduísmo raciona a sociedade em castas.

Assim, a divisão da sociedade em castas é determinada a partir da hereditariedade, e elas se definem de acordo com a posição social que as famílias hindus ocupam, fator esse que estabelece um tipo de “hierarquia” social assinalada por privilégios e obrigações.

Em um primeiro momento existiam somente quatro tipos de castas na Índia, que eram: os brâmanes (composta por sacerdotes), xatrias (formada por militares), vaixias (constituída por fazendeiros e comerciantes) e a mais baixa, os sudras (pessoas que deveriam servir as castas superiores). As pessoas que não faziam parte de nenhuma das castas recebiam o nome de párias ou intocáveis. Pessoas excluídas que tinham a incumbência de realizar os mais deploráveis trabalhos, aqueles rejeitados por indivíduos que integravam alguma das castas (DE FREITAS, 2010).

Esse sistema tem como fundamental distinção a segregação social, determinando a função das pessoas dentro da sociedade na Índia, resultando na desigualdade social, que é esclarecida pelo fato de um indivíduo não poder ascender para uma casta superior, e, embora o governo não admita, a verdade é que esse sistema está presente na sociedade, pois já está enraizado na cultura dos indianos, interferindo diretamente na qualidade de vida da população.

Nos *sistemas imperiais*, a lógica da expansão territorial de macrossistemas de organização social dos Impérios Grego-Helenístico, Romano e Mongol foi claramente ampliada com base no desenvolvimento de uma lógica geopolítica verticalizada, que muito funcionalmente se utilizou tanto das divergências geoeconômicas, em razão do aproveitamento inovativo das distintas economias locais invadidas, quanto da hibridização cultural entre os povos, em razão da utilização da cultura, dos componentes axiológicos e artísticos como alavanca para aceitação imperial.

Então, o Império Mongol, no seu auge, englobou o território da China, Mongólia, Coreia, Vietnã, Tailândia, Pérsia, Turquestão e regiões da Rússia e Armênia. O grande responsável pela criação do Império Mongol foi o conquistador Temudjin, conhecido como Genghis Khan.

A região da Mongólia era habitada por um grande número de tribos, e os mongóis lutaram muito tempo uns contra os outros. Essas tribos viviam constantemente em guerra, e Temudjim foi nomeado líder dos Keirats, iniciando uma grande batalha contra as outras tribos Mongóis. Em 1206 Temudjin, após conquistar um grande número de tribos tornou-se líder dos Mongóis, e ao unir as tribos mongóis sob o seu comando, Genghis Khan tornou-se líder de um gigantesco exército que tinha como principal arma uma cavalaria de grande eficiência. Assim, conquistando boa parte do Oriente,

Genghis Khan, além de derrotar grandes impérios, absorvia suas culturas em sua sede por poder político.

Outro caso relacionado à incorporação de culturas tradicionais é o caso greco-helenístico das conquistas de Alexandre, o Grande. Uma das principais características de Alexandre Magno foi à maneira como ele tratou os povos vencidos pelo seu grande exército, respeitando suas religiões e instituições políticas, com incentivo ao casamento entre vencidos e vencedores, também permitiu que jovens persas participassem dos exércitos greco-macedônicos e tentou unir os povos, buscando eliminar as diferenças e as desigualdades entre eles.

Dessa forma, Alexandre Magno criava condições para uma integração cultural no amplo império por ele conquistado, sendo assim, o resultado mais admirável do seu trabalho foi a chamada cultura helenística, que se originou da fusão da cultura grega, helênica, com a cultura oriental.

Os romanos também incorporaram deuses gregos, em um primeiro momento, como meio para se expandirem sobre os territórios do antigo império grego-helenístico. Os rituais religiosos romanos eram controlados pelos governantes, o culto a uma religião diferente à do império era proibida e condenada, o exemplo eram os

cristãos, que foram perseguidos e assassinados por muito tempo em várias províncias do império romano.

Mas, com o passar do tempo, o número de cristãos cresceu, e os romanos incorporaram o Cristianismo como religião oficial a fim de expandir o império, e tomaram como base um trunfo cultural, a religião cristã, já servindo de um conhecido *softpower* na promoção do consenso sobre os territórios invadidos.

No *sistema da economia-mundo*, a dinamização das sociedades com base em uma lógica coercitiva e de consenso cultural na Europa feudal, abre espaço para uma crescente integração geoeconômica com base no Capitalismo, que se iniciou com a conformação dos primeiros Estados Nacionais no século XV, embora com crescentes divergências políticas, ao longo dos séculos, que conduziram a guerras e a uma indefinição cultural, axiológica e artística, que em determinados momentos convergiu e em outros divergiu¹⁴.

¹⁴ O sistema da economia-mundo, ao longo de cinco séculos incorporou quase que completamente todos os demais sistemas-mundo existentes sincronicamente, com base na expansão da convergência econômica do capitalismo pelos ciclos da *hegemonia ibérica*, fundamentada na lógica mercantil, da *hegemonia britânica*, lançada pela revolução industrial, e, pela *hegemonia concorrencial*, inaugurada pelos Estados Unidos no pós-II Guerra Mundial em conjunto com a ascensão de outras potências econômicas, organismos multilaterais e blocos regionais.

Em suma, as situações na história relacionadas à política e economia, precisaram passar por uma fase cultural, e em momentos por uma fase artística, para uma formação coerente das relações internacionais que conhecemos hoje. As atuações do governo no último sistema-mundo apresentado, a economia-mundo em que vivemos atualmente, passam por diversos fatores para se sobressair, mas, principalmente a questão diplomática e paradiplomática cultural.

OS EFEITOS DIPLOMÁTICOS E PARADIPLOMÁTICOS DAS ARTES NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Possivelmente, a diplomacia cultural desempenha um papel importante na formação das relações internacionais, caracterizadas pelos choques culturais, é uma ferramenta de extrema importância para desenvolver diálogos entre os países, e também apresentar os valores culturais desconhecidos por outros. O efeito diplomático relacionado à cultura abre novas dimensões para serem estudadas, promovendo a ideia da importância de outros atores envolvidos nas relações internacionais, e não somente o estado-nação.

Durante as últimas décadas, incidiram muitos acontecimentos que vem contribuindo para a emergência das dimensões culturais na atual política internacional, incluindo as guerras modernas que são influenciadas pelos seguintes aspectos: noções étnicas, culturais e religiosas, ainda assim no primeiro momento de alguns temas polêmicos relacionados a infância, a maternidade e a migração; o debate amplia sobre alguns destes temas, especialmente os citados por Samuel Huntington sobre “o choque de civilizações”; ataques terroristas que são justificados com argumentos religiosos; trazendo a importância cada vez maior de elementos de softpower na diplomacia contemporânea; e o impacto das tecnologias da informação e a comunicação nas relações entre povos e governos (SADDIK, S.D, p.108).

No momento em que se estuda o “choque de civilizações”, a questão apresentada por Samuel Huntington cria “vida” ao ser comparado com outros momentos históricos das relações internacionais. Como em toda discussão apresentada, o Estado não é o único ator, porém, é um dos que mais se utiliza da cultura artística para atingir os seus objetivos, envolvendo uma gama de meios, como o cinema, a música, as histórias em quadrinho e até os desenhos animados.

Em alguns andamentos da história internacional, ficção e realidade parecem se confundir, no caso, a questão dos efeitos diplomáticos culturais nas relações internacionais é verdadeira quando o personagem em questão é Walt Disney. O que se pode falar

sobre o desenhista é que foi uma figura polêmica, ainda hoje fonte de discussões, e foi além, sendo um dos principais empresários da indústria cultural do século XX, ele se envolveu no complexo jogo da política americana e internacional.

Mais adiante, Franklin Delano Roosevelt, presidente dos Estados Unidos entre 1933 e 1945, que lembrou o nome de Disney a Nelson Rockefeller, diretor da Secretaria para Assuntos Interamericanos, a conhecida *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* - OCIAA. Naquele tempo, a OCIAA era incumbida de formar e desenvolver projetos de aproximação cultural entre os Estados Unidos e a América Latina.

Sendo assim, o presidente americano solicitou a inclusão de Walt Disney na lista de visitas de celebridades aos países sul-americanos. Além de Disney, estiveram no Brasil, com a finalidade de “apertar” laços e afinidades, diretores como John Ford e Orson Wells, o que se percebeu foi que a vinda de Disney não foi um fato isolado, ela estava relacionada a um assunto maior, seria a tentativa de ampliar o poder dos Estados Unidos na América Latina, a *Good Neighbor Policy*, ou, Política da Boa Vizinhança.

Após a visita, Walt Disney retornou aos Estados Unidos e produziu os desenhos animados ‘Alô amigos!’ (1942) e ‘Você já foi à Bahia?’ (1945), peças essenciais na propaganda da política da boa

vizinhança. O desenho ‘Alô amigos!’ foi imaginado com alvo de levar o espectador a fazer uma viagem turística pela América Latina, acompanhado pelo Pato Donald, o avião Pedro e por outros personagens animados da Disney, logo, o desenho foi produzido também com o objetivo de enfatizar os laços de amizade e admiração que os americanos nutriam pelos seus vizinhos do sul.

Tal intenção se revela nas sequências iniciais do desenho, notadamente nos versos da música de apresentação, composta por Edward Plumb, entoada durante a exibição dos créditos. Na prática, a canção funciona como uma síntese, não apenas do roteiro mas da própria política da boa vizinhança: "Saudamos a todos da América do Sul/ Onde o céu é sempre azul/ Saudamos a todos amigos de coração/ Que lá deixamos, de quem relembramos ao cantar essa canção!" (LEITE, 2010, p.9).

O desenho ainda trouxe para os brasileiros a estreia do papagaio Zé Carioca, o mais "novo amigo de Donald". A criação de Disney pretendia resumir, no plano simbólico, os laços de afeto e cooperação que uniam os Estados Unidos ao Brasil, e, de fato, a sequência mais famosa do desenho se passa durante o carnaval brasileiro, quando o Zé Carioca convida Donald para tomar um gole, que não resiste ao ritmo da música brasileira e samba ao lado de uma baiana, ao som de Aquarela do Brasil, composição de Ari Barroso e símbolo do nacionalismo do Estado Novo entre 1937 e 1945.

Figura 14 – Pôster de ‘Alô amigos!’



Fonte: Rádio Alo (2012).

Em outro momento, a década de 1970 não foi simples para a política externa norte-americana, no histórico vinham a retirada do Vietnã, a crise do petróleo e, para completar, a crise dos 52 diplomatas norte-americanos mantidos como reféns por 444 dias após a embaixada dos EUA no Irã ser invadida por uma massa enfurecida em plena revolução iraniana de 1979. A história daria um bom filme naquele momento e depois, onde o Estado tentaria

denunciar o que acontece no Oriente-Médio, buscando o auxílio de organizações internacionais e, na verdade, na metalinguagem proposta, a história deu um excelente filme.

O vencedor do Oscar de Melhor Filme em 2013, ‘Argo’ trata justamente sobre esse fato histórico, e parece haver um saudosismo no cinema norte-americano, que se integra a uma disposição atual de homenagear os anos 1970, confirmando uma estratégia de resposta da imagem da indústria do entretenimento a cada crise, nos anos 1980 as reações nostálgicas eram com as décadas de 1950, com filmes como ‘American Graffiti’, de George Lucas, mas agora, diante da crise financeira global, somos espectadores da nostalgia pelos temas da década de 1970, e a crise do petróleo. Ao que parece, os Estados Unidos se utilizam da arte para a afirmação de que, mesmo com crises financeiras, eles ainda são fortes, e que a história do entretenimento é a maior arma que eles possuem.

O filme ‘Argo’, dirigido e estrelado por Ben Affleck, se insere nessa ideia de saudosismo americano ao explorar um fato real que envolveu a crise dos refêns no Irã, o caso dos seis funcionários que conseguiram fugir da embaixada dos EUA e se esconderam na casa do embaixador canadense em Teerã.

A questão que o filme apresenta é como resgatar em meio à crise da Revolução Iraniana os ameaçados, já que poderiam ter uma execução pública, caso fossem vistos pelas milícias revolucionárias.

A CIA aceita a ideia do agente secreto Tony Mendez, a criação de um falso filme, ‘Argo’, a partir de uma produtora falsa criada pela agência secreta em Hollywood.

Equipes de produção cinematográfica costumam viajar pelo mundo em busca de locações para seus filmes, sendo assim, a suposta entrada e saída daquele grupo no Irã seria por esse ponto de vista. Tony Mendez chega ao Irã com passaportes canadenses falsos, *storyboards* e o roteiro de um filme que não foi feito.

Porém, o filme ‘Argo’ estava bem mais à frente de seu tempo de 1970, nas entrelinhas promove as mais poderosas armas dos EUA, o entretenimento e a fantasia. Se por um momento o Estado tentava conseguir alcançar seus objetivos diplomáticos em 1970, por outro lado, com a aliança do Departamento de Estado com Hollywood durante a Segunda Guerra Mundial, os EUA mostravam para os países as suas narrativas ficcionais que contagiaram as percepções de vida do mundo.

Um revolucionário muçulmano xiita, que luta contra os filmes pornográficos que dominavam anteriormente o Irã, fica fascinado com o pastiche de “Argo”, um mix de exotismo oriental hollywoodiano com sci-fi retro. Nessa linha de diálogo está evidente o poder de penetração da sintaxe audiovisual da indústria do entretenimento norte-americana: sem saberem, os revolucionários sob o comando do aiatolá Khomeini já estavam derrotados desde o início por um dispositivo

mais insidioso que embaixadas, armas de fogo, força aérea e bombas: o dispositivo subliminar de ficção audiovisual irradiada há décadas para todo o planeta (FERREIRA, 2012, p. 1).

Figura 15 – Pôster do filme ‘Argo’



Fonte: IMDB (2012).

Além da questão diplomática cultural, em que o Estado se utiliza da arte para conseguir seus objetivos, no sistema da economia-mundo existe também um momento de analogia com a paradiplomacia. Há uma realidade que não pode ser colocada de

lado, o aumento da participação nas relações internacionais de atores não estatais, fenômeno que foi aumentando nas últimas décadas do século XX, somando a interdependência recíproca e a necessidade de cooperação dentro da comunidade internacional.

Sendo assim, são diversos os objetivos que devem ser atingidos e que não avançam sem a participação dessa multiplicidade de atores, como o aumento da atividade econômica, diminuição do aquecimento global, combate as epidemias, limitar a proliferação de armamentos, preservar a biodiversidade e entre tantos. Os temas que envolvem uma diversidade de atores aumentam o tempo todo, e formam uma rede de relações globais, formando uma teia de relações internacionais que inclui, mas, em muitos casos não necessita do Estado.

No âmbito externo a proliferação de organismos internacionais e intergovernamentais provocou uma limitação na atuação dos estados. Além disso, deve-se considerar que os Estados não são os únicos protagonistas nas relações internacionais, há muitos outros atores no cenário internacional, como a empresas transnacionais, as organizações não-governamentais (ONGs) e os governos subnacionais (Provinciais, Estados, Municípios, Cidades etc.). Estes últimos, os governos subnacionais, estão se tornando protagonistas dos mais ativos no cenário global, embaralhando de tal forma a exclusividade detida pelo governo central nas relações internacionais, que surgiu um termo novo – paradiplomacia - nos últimos anos do século XX para denominar a ação exterior dessas

instâncias de governo que não podem ser incluídas na diplomacia tradicional. A paradiplomacia serve para identificar as novas formas de relação com o exterior, cujo sujeito não é o Estado, e que são as ações empreendidas por Estados, municípios e cidades no plano internacional (DIAS, 2013, p. 3).

O termo “paradiplomacia” surge para explicar as relações internacionais que ocorrem, e que independem de ações originadas do Estado. Na diplomacia tradicional, basicamente interestatal, as instituições de governo subnacionais, os estados e municípios constituem atores não convencionais, e de difícil incorporação às negociações entre Estados nacionais.

Os Estados nacionais são relacionados às *highpolitics*, temas como segurança nacional, a defesa, os tratados de livre comércio são de atribuição exclusiva do Governo Federal. Logo, se entende que a paradiplomacia se ocupa das *lowpolitics*, as políticas de segundo nível, que incluem temas como a proteção ao meio ambiente, captação de investimentos, turismo, intercâmbio cultural, entre outros. Aspectos importantes da política exterior assumem dimensões locais e internas, e ao mesmo tempo aspectos da política interna assumem cada vez mais dimensões internacionais.

De modo que se estudam os efeitos diplomáticos na arte, existem também os estudos sobre os efeitos paradiplomáticos, de uma própria dinâmica artística, dinamizadora, voluntária e com

novos comportamentos. No caso, seria a ação artística que ocorre paralelamente às ações do Estado, afetando não só o país de origem, mas outros países também.

Um dos movimentos artísticos que se encaixa na ideia da paradiplomacia artística é o festival *Woodstock*. Sexo, drogas e *rock and roll*, houve sexo, havia drogas, sim, e muito rock, com Janis Joplin, Jimi Hendrix e entre tantos, mas o grande componente do festival, além da liberdade em vários fatores, foi a maneira como foi feito, fugindo de padrões de espetáculos até então realizados, e se baseava na filosofia do “paz e amor”, buscando pregar a paz, o entendimento, e , acima de tudo, liberdade, respeito aos outros, a convivência pacífica entre as pessoas.

A influência de *Woodstock* nos anos 1960 eram valores universais, muitas culturas compraram a ideia, a forma de vida dos *hippies*, tornando o mundo naquele tempo com visões de liberdade sexual, por exemplo. Olhando para o passado, antes de *Woodstock*, discussões voltadas para drogas e acompanhamento de reabilitações eram tabus, depois dos ideais dos anos 1960, até a discussão sexual era tolerada.

Não somente de eventos internacionais vive o efeito paradiplomático nas artes, a série de livros ‘Cinquenta Tons de Cinza’ parece ter lançado uma revolução sexual pelo mundo. Existe

atualmente o ‘Efeito Cinquenta Tons’, em que está acontecendo mais do que apenas uma trilogia *best-seller* erótica, existe também uma verdadeira revolução sexual por parte das mulheres, aparentemente, os livros estão funcionando como um afrodisíaco, e alguns ainda esperam um *babyboom*¹⁵ dos tempos pós-modernos.

O livro, escrito pela autora britânica E.L. James, segue a relação entre uma recém-formada chamada Anastasia e um jovem empresário, Christian Grey. A relação muitas vezes apresenta práticas sexuais e sadomasoquismo, de dominação e submissão. O efeito local de um livro inglês se tornou global, e pesquisas foram feitas pela professora Milhausen, da Universidade de Guelph, em Ontário, relacionadas à obra, e que somente nos dias de hoje a humanidade estaria pronta para aceitar a sexualidade da mulher.

Os efeitos diplomáticos e paradiplomáticos são formados pela concepção do sistema de economia-mundo, são exemplos de como a política e a economia, em momentos, precisam da arte para desempenhar o papel de atingir seus objetivos, em momentos que são históricos e atuais.

¹⁵ “Foi isso o que se passou com milhares de casais americanos com o fim da Segunda Guerra em 1945. Um ano depois começava uma explosão demográfica que só enfraqueceria na virada dos anos 60. Era o chamado baby boom. Na década de 40, nasceram nos Estados Unidos 32 milhões de bebês, 33% a mais que na década anterior. Em 1954, mais de 4 milhões de partos, quase 11 mil por dia.” (Finilla, 2012, p. 1)

O RESSURGIMENTO DE ‘V DE VINGANÇA’ NO CENÁRIO INTERNACIONAL

Nos anos de 1980, um efeito evidente da Nova Ordem Internacional foi a revalorização dos princípios do Capitalismo, negando o estatismo e uma planificação econômica. A primeira onda neoliberal se deu por dois governos de grandes personalidades internacionais, Margareth Thatcher, no Reino Unido, e Ronald Reagan, nos Estados Unidos.

Assim, se propôs medidas conservadoras ao Estado, com base na economia, procedendo com sucessivas privatizações e tentativas de derrubar barreiras protecionistas adotadas por muitos países, Thatcher e Reagan desenvolveram o processo da internacionalização do dinheiro, definindo a nova era que surgiria, a globalização da economia.

Nesse cenário, que não era muito feliz para grande parte dos países em desenvolvimento, não é de surpreender o “barulho” que ‘V de Vingança’, *graphic novel* de Alan Moore, desenhada por David Lloyd, proporcionou o enredo em que conhecemos a Londres futurista do ano 1997, imaginada nos anos 80, ou seja, o terrorista ‘V’ habita um futuro que nunca aconteceu. ‘V’ tem seu esconderijo

em uma estação abandonada do metrô, e usa a máscara no formato do rosto de Guy Fawkes, o antigo vingador da Revolução da Pólvora.

Então, ‘V’ ataca o prédio do parlamento e dá início a sua jornada cheia de elementos como justiça, redenção e liberdade. No final da história, sua discípula e sucessora Evey, conclui o plano orquestrado pelo terrorista e destrói o prédio em Downing Street, no caso, a residência oficial do Primeiro Ministro.

Na primeira onda neoliberal, a *graphic novel* traz sentimentos de antiglobalização e antissistema. Criticando ferrenhamente o rumo que a política mundial tomava, Alan Moore escreveu a história como um espelho da sociedade dos anos que se seguiram, em parte alienada por um governo que dizia proteger, mas que na verdade acabava tomando atitudes muito contrárias à democracia.

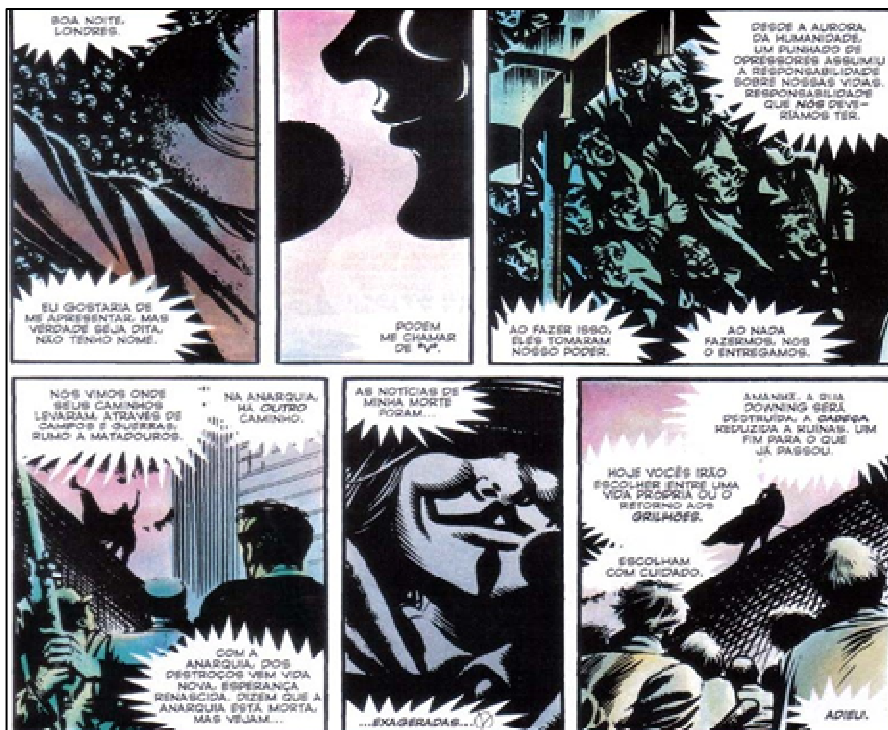
Ao que tudo indica, os anos 1990 foram uma década mais estacionada em mobilizações sociais, em que a política era o mais do mesmo, os assuntos internacionais eram voltados para o desenvolvimento econômico de países. O Brasil, por exemplo, tentava quitar algumas dívidas com os países do primeiro mundo, enquanto a moeda nova, o Real, entrava em estabilização, porém as discussões e protestos envolvendo a crítica à sociedade e ao governo não foram tão presentes.

Após os atentados terroristas de 11 de setembro, o mundo nunca mais foi o mesmo. O medo era constante, a revolta americana

também, e assim, depois de quase duas décadas, com o lançamento da versão cinematográfica da história em quadrinhos ‘V de Vingança’, o filme reaviva discussões emblemáticas e simbólicas, relacionadas desde à anarquia até o processo de revoluções que sucederiam na atual conjuntura.

Antes de qualquer coisa, o que o filme traz de volta é a discussão contra o sistema e o processo de globalização que os anos 1980 e 1990 trouxeram. O filme usa a figura emblemática do terrorista ‘V’ para críticas ao governo Bush, e o mais curioso é o que o *New York Times* e grande parte da população se perguntaram, é possível um grande estúdio de Hollywood fazer um filme de U\$50 milhões no qual o protagonista é um terrorista, que usa bombas em todo corpo e tem a ideologia de explodir um prédio? Bom, o lançamento do filme aconteceu, e reavivou discussões que permaneciam, em alguns momentos, apenas no imaginário.

Figura 16 – *Graphic novel* ‘V de Vingança’



Fonte: Vertigo (2005).

De forma semelhante ao quadrinho, o filme se passa na Inglaterra de 2020, que tem à frente um governo totalitário, eleito com o discurso de que a população deve abrir mão de seus direitos e liberdades para que o Estado a proteja da ameaça terrorista. V planeja explodir o prédio do Parlamento no dia 5 de novembro, essa é a data referente à história de Guy Fawkes, um soldado inglês,

católico, que, num ato contra o governo protestante da época, pretendia destruir o prédio do Parlamento britânico.

Por conseguinte, o personagem ‘V’ do cinema defende a necessidade da ação das massas nas transformações, e ambiciona explodir prédios, mas também instigar o povo a se revoltar contra o governo totalitário. Para o terrorista, explodir um prédio como o Parlamento é algo que traz o simbolismo, mas um símbolo não vale nada se o povo não comprar a ideia.

Figura 17 – Pôster do filme e capa da *graphic novel*



Fonte: Cineola (2012).

Mesmo que sua principal tática seja a do caos, no filme, por diversas vezes ‘V’ mostra que a ação isolada é insuficiente, sendo assim, o atentado proposto pelo personagem se diferencia, por exemplo, dos atentados do 11 de setembro de 2001, em que, mesmo destruindo um símbolo do imperialismo norte-americano, a morte de pessoas não levou a uma mobilização mundial, e muito menos ideológica, e deu mais coragem a governos imperialistas, como o de Bush.

E, apesar de todas as ações serem planejadas por V, não há um heroísmo messiânico. A princípio é uma luta individual, uma vingança com ações planejadas por ele, inclusive com um toque teatral. Entretanto, o individual se quebra, em primeiro lugar, pela máscara e pelo codinome, que escondem até o fim a identidade do personagem. Depois, essa individualidade se dissolve por completo na multiplicação das máscaras na multidão, expressa ainda melhor na fala de V, que, ao ser ameaçado com uma arma, afirma que “você pode matar um homem, mas não um ideal”. E a batalha deixa de ser uma atitude isolada, fruto de uma vingança pessoal, que dá nome ao filme (DA MOTA, 2006, p.2).

Em suma, os problemas da sociedade destacados na película e na *graphic novel* combatidos por ‘V’ se resumem à falta de liberdade dentro da sociedade, no caso das relações internacionais, a falta de democracia nos países. A obra de Alan Moore não veio para questionar e apontar falhas, mas em alguns momentos, com outro

olhar, a política internacional é analisada, trazendo grandes reflexões como, até quando a submissão aos poderosos será necessária, e que o mundo não se muda com atentados terroristas, mas com revoluções político-ideológicas, que, infelizmente, em tempos, acabam em morte e violência.

‘V DE VINGANÇA’ E AS VERDADEIRAS REVOLUÇÕES MUNDIAIS

Em um futuro não tão distante do nosso, a Inglaterra sofre com a guerra e ataques biológicos. Estações de tratamento de água são contaminadas, e, por consequência, crianças são infectadas e morrem por falta de cura, então, imediatamente a doença se espalha pelo país, e parece não existir mais esperança nas ruas. É eleito Adam Sutler como Primeiro-Ministro, e, como um milagre, a cura para a doença é descoberta, logo, como agradecimento, o povo inglês dá mais poder ao político Sutler, que utiliza de sua nova posição perante a sociedade para oprimir, em nome da ordem e da paz.

O enredo introduzido é da *graphic novel* ‘V de Vingança’, porém, não seria tão longínquo da nossa realidade contemporânea. Próximo à história de Alan Moore, sobre o terrorista que busca justiça, existiram fatos históricos que abalaram o mundo e trouxeram

um grande impacto no cenário político internacional. Como um espelho de outras discussões do texto, a análise feita agora é sobre a política internacional e como o enredo de ‘V de Vingança’ se encaixa em nossa realidade pós-moderna.

Na manhã de 11 de setembro de 2001, o mundo parou para assistir cenas inimagináveis, e acabou presenciando o maior atentado terrorista da História. Inesperadamente, um avião sequestrado se chocou contra uma das torres do World Trade Center, em Nova York, em seguida outra aeronave invadiu a outra torre, para depois ambas arderem em chamas e desabarem.

Não muito longe, no mesmo dia, o prédio do pentágono em Washington, em que são traçadas as estratégias militares americanas, também foi atingido. Depois dos atentados nos Estados Unidos, o conceito de terrorismo é estudado amplamente, a forma como o terror seria combatido e os responsáveis esclarecidos para a população americana, que vivia com medo, e se descobrem vulneráveis. O país mais poderoso do mundo viu seus ícones de força econômica e identidade nacional serem alvejados com certa facilidade.

Se o impacto humano dos ataques de 2001 foi evidente, o 11 de setembro teve desdobramentos que vão muito além da morte de milhares de pessoas. Imediatamente, as bolsas de valores do mundo todo

entraram em crise. Afinal, afora as incertezas quanto ao impacto do 11 de setembro sobre a economia mundial, os ataques provocaram perdas humanas inestimáveis para muitas empresas sediadas no WTC, mobilizaram as companhias de seguros numa proporção poucas vezes vista e prejudicaram enormemente o mercado de aviação civil nos EUA e no mundo (DE ANGELO, 2011, p.1).

Possivelmente, os ataques trouxeram também várias discussões sociais e políticas. Um dos pontos de vista estudados foi o possível radicalismo mulçumano, favorável à guerra santa, ou popularmente conhecida como Jihad islâmica, e a confusão de ligar árabes com todo tipo de terrorismo, como se todos fossem dispostos a atacar qualquer lugar, em qualquer momento. Como resultado, intolerância e preconceito, tanto étnico quanto religioso, em que os americanos viviam com medo de uma nova ameaça terrorista, trazendo mudanças de hábitos, principalmente na segurança pública.

Os desdobramentos quanto à realidade mundial eram outros. O termo terrorismo ficou popular, e o então presidente George W. Bush fez aprovar o *USA Patriot Act*¹⁶ com medidas antidemocráticas que passaram a ser vistas como necessárias para salvar a democracia pelos cidadãos norte-americanos, e a caça ao homem mais perigoso

¹⁶ É um controverso ato do Congresso americano assinado em 26 de outubro de 2001. Entre as medidas impostas pela lei estavam a invasão aos lares, espionagem de cidadãos, interrogações e torturas de possíveis suspeitos de terrorismo, sem direito a defesa e julgamento.

do mundo, Osama Bin Laden. De outro ponto, os Estados Unidos lideraram com a participação de outros países, a Guerra ao Terror contra o Eixo do Mal, e como consequência, Iraque e Afeganistão foram invadidos, acelerando ainda mais o antiamericanismo no mundo islâmico.

Durante os tempos de Guerra do Iraque, os Estados Unidos passaram por cima de várias restrições das Nações Unidas, criaram o termo da guerra preventiva¹⁷ e acumularam gastos que chegavam a aproximadamente 3 trilhões de dólares. Porém, a população mundial, em grande parte, se chocou com tamanha atrocidade, e os atentados de 11 de setembro trouxeram novos ideais revolucionários, não só nos EUA, mas em todo mundo.

No entanto, foi no Iraque onde Bush apostou mais forte e colocou em jogo o destino de seu projeto. A guerra de ocupação, aparentemente vitoriosa, transformou-se rapidamente em uma guerra de libertação do povo iraquiano contra as tropas ocupantes, com um curso cada vez mais desfavorável para o imperialismo, até transformar-se em uma “guerra impossível de vencer”. Dentro dos EUA, a oposição à guerra foi se tornando majoritária, o que obriga o governo a decidir pela redução do número das tropas e as promessas de retirá-las (POLLA, 2011, p.4).

¹⁷ É uma ação armada empreendida com o objetivo (ou a pretexto) evitar que a outra parte ataque, embora não haja evidência de que o ataque seja iminente ou que esteja sendo planejado.

Durante a Guerra do Iraque e o Afeganistão, grande parte dos americanos confiava, e admirava seu presidente que, na justificativa de vingança iria caçar e tratar do terrorismo. Porém, logo que os motivos econômicos de uma segunda guerra do Golfo, por poder, foram esclarecidos pela mídia e outros veículos, como o filme denúncia de Michael Moore, ‘Fahrenheit 9/11’, ilustrando até uma possível ligação com regimes totalitários do Oriente Médio, a população mundial assistiu perplexa a longa batalha sem sentido de George W. Bush.

Mais adiante, ‘V de Vingança’ (V for Vendetta), a adaptação cinematográfica, foi lançada em 2005 nos Estados Unidos, como roteiristas Andy Wachowski e Larry Wachowski, os mesmos de ‘Matrix’, inspirada na série em quadrinhos homônima de Alan Moore. Próxima dessa realidade política internacional se observa o poder da obra de ‘V de Vingança’. Alan Moore escreveu com uma crítica sobre o seu sistema-mundo, sobre a Inglaterra distante de Margareth Thatcher, provavelmente não pensou em possíveis atentados terroristas em uma Nova York do século XXI.

O debate da obra sobre a realidade mundial é reavivado com o lançamento da adaptação cinematográfica após o 11 de setembro, e foi uma resposta bem interessante à Grã-Bretanha de Margaret

Thatcher, porém, naquele momento tratava, na verdade, da América de Bush.

No filme, o governo usa da violência em vez do diálogo, elimina a liberdade de se opor, pensar e falar, a população se via obrigada à submissão, como as leis impostas aos americanos. Isto é, o chanceler do filme criou uma determinada ordem que mostrava que a segurança da nação somente seria imaginável através da total dependência das pessoas aos seus comandos, tornando a possibilidade de um ataque com armas biológicas algo iminente e muito próximo da realidade das pessoas.

A ideia de elaboração da adaptação para o cinema foi, por vezes, criticada e ignorada pela população americana, afinal, ainda era muito cedo para assistir a um terrorista matando pessoas e trazendo ideologias contra o governo, porém as ideias de revolução criadas pelo personagem ‘V’ seriam as mesmas aversões que os americanos teriam futuramente ao governo Bush. Trazendo para o campo da realidade, com a morte de mais de 1.800 soldados no Iraque, o índice de desaprovação ao Governo Bush era de 56%, com baixas relacionadas à morte de Saddam Hussein, julgado nos Estados Unidos, e atentados diários contra civis no Iraque.

Assim como no enredo do filme e da *graphic novel*, o governo do ex-presidente americano, provavelmente criou uma situação em que a população temia o desconhecido, era obrigada a

denunciar qualquer estranho com uma religião diferente, e se via alienada por discursos de proteção ao inimigo de uma nova guerra que trazia milhares de jovens mortos a cada ano.

Não era muito claro, mas o que parecia é que a liberdade e a democracia do governo Bush, seriam apenas conseguida pelo feito da guerra, algo parecido com a possibilidade de ameaça biológica do filme, que, no caso, seria a questão do cidadão e a relação ao medo do desconhecido, já que para a realidade estadunidense, o temor de um novo atentado era a “arma” para um discurso democrático e de ordem.

No filme, Adam Sutler, o ditador da ficção, usa do problema biológico causado misteriosamente para disseminar pensamentos xenofóbicos, como o desejo de manter um padrão econômico muito forte, e sem necessidade da ajuda de outros países para o bem maior da Inglaterra, ao que parece comparado à realidade internacional, é que na vida real Bush foi atrás de uma guerra que estava “adormecida” por vinte anos por motivos similares ao da obra ficcional, enraizado em uma desculpa de vingança contra o oriente-médio, que traria mais aquisição econômica do que uma busca pelos ideais de liberdade contra o terror.

Porém, não somente a realidade americana viveu a similaridade de ‘V de Vingança’, as questões da revolução árabe

junto com a pós-modernidade da internet, via redes sociais se conecta com o grupo de *hackers*¹⁸ que derrubaram vários sites importantes, e utilizavam como símbolo de seus atentados a máscara de Guy Fawkes, usada pelo terrorista ‘V’. Ambos os acontecimentos são de realidades internacionais distintas, mas parecem ter saído da mente revolucionária de Alan Moore.

É difícilimo terminar de estender a discussão sobre o 11 de setembro sem falar do processo revolucionário que está se desenvolvendo no mundo árabe, e se estendeu rapidamente por grande parte do Oriente Médio. Talvez seja possível colocar a conhecida Primavera Árabe como uma nova derrota ao governo Bush, pois o imperialismo teve de enfrentar uma poderosa ascensão revolucionária de massas nessa região.

Desde o começo de 2011, os governos de países árabes do norte da África e do Oriente Médio enfrentam uma onda de protestos e reivindicações pró-democracia. O centro dos protestos é a gravidade da situação dos países, provocado pela crise econômica e pela falta de democracia, de governos que duravam mais de vinte

¹⁸ O termo *hacker* é importado da língua inglesa. O *hacker* se dedica, com uma grande intensidade, a conhecer e modificar os aspectos internos de dispositivos, programas e redes de computadores. Graças ao grande conhecimento, o hacker consegue obter soluções para burlar sistemas que deveriam impedir o acesso, ou controle, de outras pessoas.

anos, a população sofreu com as taxas de desemprego e apenas queria melhores condições de vida.

Em dezembro de 2010, um jovem tunisiano, vendedor de frutas chamado Mohammed Bouazizi, foi forçado a pagar propina para a polícia corrupta, sem dinheiro, foi humilhado e esbofeteado, logo depois foi à prefeitura para reclamar seus direitos, mas ninguém o atendeu. Então, foi até um posto de gasolina, comprou um galão cheio, jogou sobre seu corpo e ateou fogo como manifestação contra as condições de vida no país.

Protestos se espalharam pela Tunísia, usando a internet para se comunicar, no caso, a rede social *facebook*, as pessoas da pequena cidade conseguiram comover uma nação levando o presidente Zine el-Abdine Ben Ali a fugir para a Arábia Saudita apenas dez dias depois, sendo que Ben Ali estava no poder desde novembro de 1987. Possivelmente, o jovem Mohammed não sabia, mas a ação desesperada, que terminou com a própria morte, seria o pontapé inicial do que viria a ser chamado mais tarde de Primavera Árabe.

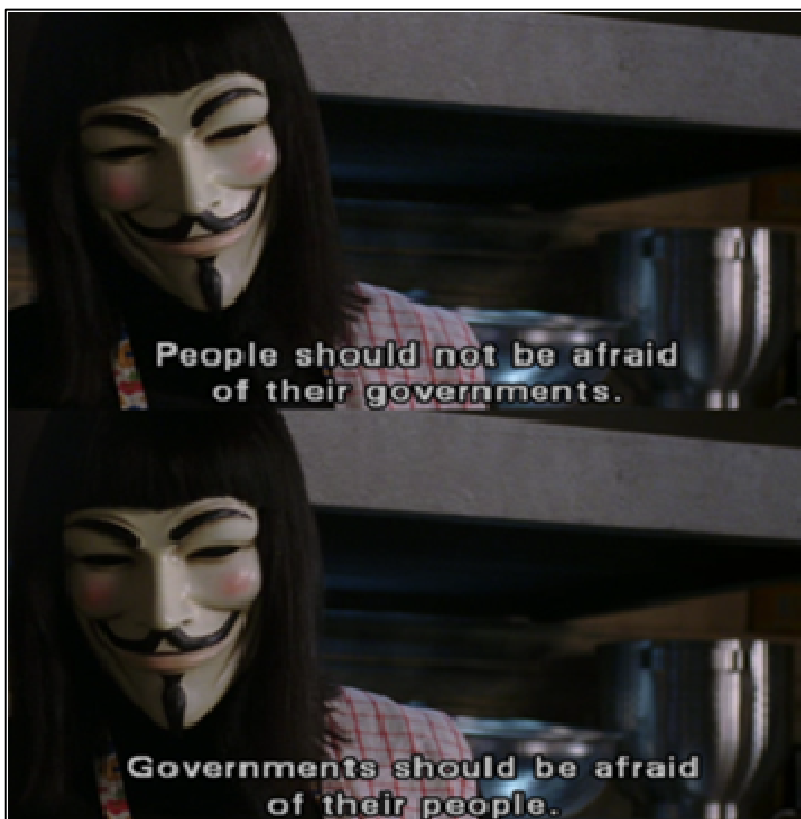
Junto com a força da internet, espalhando as cenas da revolução via transmissores como celulares e computadores, redes sociais, como o *twitter*, a onda de protestos e revoltas provocou a queda de mais três governantes na região, entre eles, os ditadores do Egito, Líbia, com a derrota de Muammar Kadafi, morto por uma

rebelião interna com ação militar decisiva da Otan, e no Iêmen, com a do presidente Saleh, que resistiu às manifestações por vários meses, até transferir o poder a um governo provisório.

Após o 11 de setembro, foi disseminada uma campanha para mostrar que a luta dos povos árabes e muçulmanos era protagonizada por “fanáticos religiosos” e “aparatos terroristas”, mas muito pelo contrário, a Primavera Árabe trouxe tons de liberdade e anarquia, similares a ‘V de Vingança’.

Na obra, após o terrorista ‘V’ fazer um discurso de que “o governo é quem deve temer os cidadãos”, é tomada a consciência de que a liberdade talvez seja conquistada por revolução, e não acomodamento de ideias. Assim como a revolução no Oriente Médio, as pessoas se cansaram de temer o desconhecido, e acabam, enfim, derrubando o ditador Sutler.

Figura 18 – ‘V de Vingança’



Fonte: Warner (2005)¹⁹.

‘V de Vingança’ garante sua marca nas relações internacionais ao colocar o abuso exercido pelo poder do Estado sobre seus cidadãos em troca de “ordem”. Ou seja, tanto o filme

¹⁹Nota de tradução: “As pessoas não devem temer os seus governantes. Os governantes devem temer as pessoas.”.

quanto o *graphic novel* transmitem o que é viver sob uma ditadura, como a vida das pessoas que viviam na Tunísia, ou no Egito, além disso, o foco da trama em trazer um personagem “terrorista” traz a uma analogia: de que Alan Moore mostrava que pior que o terrorismo é o terrorismo que o Estado faz, e que pode ser marcado como uma estratégia de um governo que usa o medo para controlar e justificar suas ações, já que as ações do personagem ‘V’ são nada mais que respostas à ditadura.

Outra perspectiva interessante presente no quadrinho é a demonstração do alto índice de xenofobia existente nos países europeus, segundo o filósofo Zlavoj Zizek, a Europa vem passando por um fenômeno onde os partidos de centro-direita e os partidos de centro-esquerda vêm adotando cada vez mais políticas semelhantes (o Brasil está passando por um processo semelhante inclusive), sobrando como alternativa partidária, os partidos de extrema direita, que buscam construir suas bases entre os operários, oferecendo como resposta para a crise econômica a desculpa da imigração, como vemos na França com os africanos, na Inglaterra contra os africanos e jamaicanos, na Alemanha contra os turcos, etc. (SALVADOR, 2012, p.1).

Não foi coincidência que a máscara do personagem ‘V’, ou o rosto de Guy Fawkes, se tornou um símbolo da luta contra o Capitalismo e ditaduras. Movimentos como o “*Occupy Wall Street*”,

ou “*Anonymous*” adotaram a máscara para proteger suas identidades enquanto se manifestam contra governos e corporações.

Após a crise econômica, um dos movimentos de revolução mais comentado foi o “*Occupy Wall Street*”, que levou milhares de cidadãos norte-americanos, estudantes, sindicalistas, professores e ativistas de todo tipo a realizar em uma ocupação pacífica em Wall Street. Foi considerado um novo movimento social por justiça econômica, contra a cobiça empresarial, a corrupção do sistema político e a desigualdade, mas o movimento não ficou restrito aos americanos, e países europeus, como a Espanha, também entraram na revolução para a melhoria da qualidade de vida.

Por fim, a simbologia de ‘V de Vingança’ alcançou também a internet. O grupo “*Anonymous*” é formado por *hackers*, que defendem causas que decidem como justas, partindo, na maioria dos casos, do princípio da liberdade de expressão e contra a opressão das grandes corporações.

Os integrantes do “*Anonymous*” se inspiraram na história de ‘V de Vingança’, tanto nas máscaras como nas datas, o 5 de novembro, data da revolução na obra, são os dias que o grupo escolhe para “atacar” alguma corporação, sites como *facebook*, a rede de games Playstation, entre outras já caíram em seus “golpes”.

Figura 19 – Movimento “Occupy Wall Street”



Fonte: Action & Comics (2011).

Em sua maioria, os “atentados” cometidos pelo “*Anonymous*” são de característica política e revolucionária, ajudando a propagação da Primavera Árabe, por exemplo, onde, durante a Revolução Egípcia de 2011, *websites* do governo egípcio, junto com *websites* do Partido Nacional Democrático, foram *hackeados* e tirados do ar pelo “*Anonymous*”, no caso, os *sites* permaneceram *off-line* até o Presidente Hosni Mubarak renunciar.

No início de Agosto de 2011, o “*Anonymous*” invadiu o *website* do Ministério da Defesa da Síria, e o trocou por uma imagem

da bandeira pré-Baath, um símbolo do movimento a favor da democracia no país, assim como uma mensagem de apoio à Revolta na Síria e chamado aos membros do Exército Sírio para desertarem e defenderem os protestantes.

O movimento revolucionário “*Anonymous*” foi tão forte, que saiu da internet para as ruas. Portanto, a realidade e a ficção se intercalaram mais uma vez, em que jovens, em sua maioria, lutaram por seus direitos à democracia, a não exploração e, acima de tudo, o ideal mais precioso que o personagem ‘V’ considerava: a liberdade. Todas as revoluções, os problemas relacionados à democracia, estão no universo de ‘V de Vingança’, porém a realidade internacional também passa por instabilidades, e cabe ao cidadão global decidir o seu futuro, sendo assim, a liberdade sempre, ou a renegação ao diferente. A escolha é sua, e no mundo de ‘V’, ninguém fica “em cima do muro”.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Provavelmente, os estudos políticos e econômicos, tão importantes, e incluídos nas relações internacionais, não teriam uma dimensão tão importante se não houvesse a ligação da cultura artística. Na primeira parte do capítulo, os ciclos históricos que

representam os sistemas apresentados por Wallerstein passam por visões simbólicas, como a religião, até chegar à educação e arquitetura, para chegar à economia-mundo que conhecemos hoje.

As situações na história internacional relacionadas à política e economia precisaram passar por uma fase cultural para se sobressair, e em momentos, temos os exemplos do que acontece quando a arte se junta com a realidade na segunda parte do terceiro capítulo, envolvendo os temas da diplomacia e da paradiplomacia.

Sendo assim, no terceiro momento do trabalho, o poder da obra ‘V de Vingança’, volta para a discussão, como palco, novas mídias e redes sociais se relacionando com revoluções democráticas ocorridas pelo mundo, e a nova forma de assimilar a política externa norte-americana, concluindo, assim, a discussão sobre quadrinhos e relações internacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que existem outros pontos de vista sobre o trabalho, além das visões apresentadas, acredita-se que algumas questões sobre o livro possam ser destacadas para uma possível explanação geral. Sendo assim, para considerar a importância da cultura artística no cenário das relações internacionais, alicerçou-se o trabalho por meio da crítica pós-moderna. A princípio, a discussão, iniciada nos anos 1980, era de um conjunto de reflexões críticas sobre a crise da modernidade que atingia a área relacionada à falta de um pluralismo em novos temas que surgiam.

Dessa maneira, os argumentos utilizados como objeto de análise no trabalho, de certa forma, se tornaram plausíveis. No primeiro capítulo, se trabalhou a cumplicidade entre a cultura artística e as relações internacionais, as teorias clássicas de relações internacionais são importantes, mas como o pós-Colonialismo, uma das discussões da crítica pós-moderna, retrata em suas análises, deve existir um debate profundo para possíveis contribuições de todas as partes, um questionamento do núcleo científico positivista, em que não se exclua os novos problemas que não são relacionados à guerra e economia liberal.

O objetivo foi evidenciar o Realismo, o Liberalismo e o pós-Modernismo pelo meio das artes. No primeiro momento, as evidências são dos casos da guerra e o realismo, a seguir a reflexão foi sobre a teoria liberal e os detalhes da globalização, no mundo vigiado dos *reality shows*, e a interdependência no cenário internacional, são importantes para o próximo passo do pensamento pós-moderno de humanidade, aprofundando o Liberalismo não apenas como tema econômico, mas também mostrando os defeitos da teoria sobre os valores do mundo político nas relações internacionais.

O pensamento de humanização das Relações Internacionais é o foco do trabalho, e em momentos, da crítica pós-moderna. A desconstrução sobre questões políticas e sociais é feita pelo estudo de gênero, por exemplo, apresentando o filme ‘A Fonte das Mulheres’, é possível observar com maestria como os novos temas de Relações Internacionais são importantes, é necessário que os novos temas rompam antigas visões de estudo e que superem paradigmas dominantes.

Posteriormente, no capítulo dois, os problemas relacionados à guerra e à economia têm uma nova “roupagem”, com a apresentação da história da arte, é visto um novo modo de expressão artística, em que a realidade internacional influencia a arte que, conseqüentemente, se conecta com o modo de vida de toda uma sociedade.

Para tanto, primeiramente julgou-se necessário apresentar ao leitor a evolução da história da arte no cenário político internacional, desvendando as ideias por trás de quadros e movimentos artísticos, para chegar à realidade dos anos 1980 e à discussão da *graphic novel* ‘V de Vingança’.

O objetivo desse capítulo foi evidenciar o processo da realidade política internacional influenciando a arte em diferentes séculos, como, a ligação do renascentismo com o ouro e a valorização das ideias do homem, ou, o processo da Revolução Industrial e o avanço no progresso com ligações ao Romantismo e ao neoclassicismo.

Em seguida, o cenário da realidade internacional se volta para a obra ‘V de Vingança’ e os estudos pós-modernos relacionados à anarquia de Richard Ashley, incluindo pensamentos de ideais revolucionários, e o questionamento de teorias clássicas das relações internacionais continuarem a ignorar novos temas e novas teorias para se dedicar ao estudo da soberania do Estado.

O intuito, aí, fora de criar uma discussão de que o cenário internacional é tomado de acontecimentos em que não se pode prever muita coisa, uma possível reavaliação de ideias fixadas ao positivismo, o estudos de vanguarda são tão importantes quanto os clássicos de RI, o exemplo maior da discussão foi como a anarquia

pode ser vista como positiva ao cenário internacional, não somente um ambiente caótico e sem nenhum motivo, usando como pano de fundo a história ‘V de Vingança’, que, por sua vez, foi baseada na realidade internacional dos anos 1980.

Desse modo, a área de RI continua transgredindo, assim como a História da Arte, sempre um passo à sua frente, porém o cenário internacional é cheio de acontecimentos imprevisíveis, e cabe uma reavaliação de ideologias e ideias fixadas ao Positivismo do Realismo para que, possivelmente, possamos dar o valor aos estudos de vanguarda relacionados à Arte no campo das Relações Internacionais.

Conhecidas as principais ideias e discussões da presente pesquisa, a discussão do capítulo três é sobre como a influência da cultura artística se envolve com a realidade das Relações Internacionais, e como a evolução histórica da humanidade, voltada para a política e economia, precisava de movimentos culturais para que as estratégias de poder funcionassem, e que revoluções surgissem.

Provavelmente, os estudos políticos e econômicos, tão importantes, e incluídos nas relações internacionais, não teriam uma dimensão tão importante se não houvesse a ligação da cultura artística. Os ciclos históricos que representam os sistemas apresentados por Wallerstein passam por visões simbólicas como a

religião, até chegar à educação e arquiteturas, para chegar à economia-mundo que conhecemos hoje.

De acordo com a análise feita, os sistemas-mundos são compreendidos com diferentes cosmovisões de múltiplos macrossistemas de organização mundial, os *minissistemas*, *sistemas civilizacionais*, *sistemas imperiais* e *economia-mundo*, cada um deles cristalizado por dinâmicas de atores com natureza geoeconômica, geopolítica e geocultural.

As situações na história internacional relacionadas à política e à economia, precisaram passar por uma fase cultural para se sobressair, e em momentos, temos os exemplos do que acontece quando a Arte se junta com a realidade do terceiro capítulo, envolvendo os temas da diplomacia e da paradiplomacia.

Nota-se que o *sistema da economia-mundo*, ao longo de cinco séculos, incorporou quase que completamente todos os demais sistemas-mundo existentes, com base na expansão da convergência econômica do Capitalismo por diversos ciclos, como o da *hegemonia ibérica*, trazendo as discussões dos efeitos diplomáticos e paradiplomáticos nas Relações Internacionais.

No andamento do derradeiro capítulo, as situações tomaram conta com o efeito diplomático da política da boa vizinhança de Walt Disney, com os seus desenhos latino-americanos, como o

personagem Zé Carioca na homenagem ao Brasil, como ‘Alô, Amigos’, e do filme político ‘Argo’ sobre o saudosismo americano e o poder da influência cinematográfica nas relações internacionais.

Na sequência, a parte final do trabalho se volta para o poder da obra ‘V de Vingança’ depois dos atentados de 11 de setembro. Como novos personagens da história política internacional, novas mídias e redes sociais, como o *facebook*, se relacionando com revoluções democráticas ocorrendo pelo mundo.

Com o lançamento da adaptação cinematográfica da *graphic novel*, no ano de 2005, a discussão sobre a luta contra um sistema, e conseqüentemente, o processo de globalização dos anos de 1980 e 1990, além de críticas ao governo americano de George W. Bush.

A necessidade da ação das massas para as transformações democrática, e as ideias são as novas armas do terrorista ‘V’ do século XXI. A quebra do Imperialismo não acontece necessariamente com atos terroristas, na verdade, a força da obra de Alan Moore está no que os cidadãos vão fazer contra o sistema, se vão se libertar, ou ficar “em cima do muro”, trazendo reflexões sobre a realidade das revoluções democráticas, como a Primavera Árabe.

As verdadeiras revoluções mundiais encerram as discussões do livro envolvendo arte e realidade internacional. Possivelmente, os ataques de 11 de setembro fizeram com que surgissem essas revoluções que presenciamos no mundo, o choque da Guerra do

Iraque dos novos tempos trouxeram novos ideais de revolução, não somente nos revoltosos norte-americanos, que viam seus filhos irem morrer em uma guerra sem sentido, mas também no mundo todo.

Em suma, ‘V de Vingança’ garante sua marca nas relações internacionais ao colocar o abuso de poder do Estado sobre a população em troca de “ordem”. A obra de Alan Moore é extremamente contemporânea, em um momento, explicou os problemas causados pelo conservadorismo neoliberal de Margareth Thatcher , e em outro, as revoluções mundiais do século XXI, que envolveram o símbolo da máscara de Guy Fawkes como incentivo às mudanças contra o sistema.

Como o grupo de *hackers* “*Anonymous*” ou o movimento “*Occupy Wall Street*”, que indicaram um fator de interdependência complexa, a realidade e a ficção se misturaram, apresentando jovens, ideais muito parecidos com a libertação de Alan Moore, e foram para as ruas lutar por os seus direitos. E no final de tudo, buscavam o bem mais precioso que o personagem ‘V’ apresentou, tanto na *graphic novel*, quanto no filme, a liberdade, sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILMES

- AFFLECK, B. **Argo**. (DVD). Hollywood: Warner Bros, 2012.
- CAMERON, J. **Titanic**. (DVD). Hollywood: 20th Century Fox, 1997.
- DENIS, C. **Minha Terra, África**. Camarões-França: Artificial Eye, 2008.
- FOLMAN, A. **Valsa com Bashir**. Filme (DVD). Israel: Columbia Pictures, 2008.
- MCTEIGUE, J. V **de Vingança**. (DVD). Hollywood: Warner Bros, 2006.
- PRITCHARD, T. **A Rede Social que Mudou o Mundo**. Inglaterra: BBC Productions, 2012.
- SPIELBERG, S. **O Resgate do Soldado Ryan**. Filme (DVD). Hollywood: Universal Pictures, 1998.
- SPIELBERG, S. **Tubarão**. Filme (DVD). Hollywood: Universal Pictures, 1975
- STONE, O. **Platoon**. Filme (DVD). Hollywood: MGM Studios, 1986.
- WEIR, P. **O Show de Truman – O Show da Vida**. (DVD). Hollywood: Paramount, 1998.

INTERNET

- ANTÔNIO, A. **Tron: Legacy** (2010, Joseph Kosinski), 2010. Disponível em: <www.filmologia.com.br/?page_id=1842>. Acesso em: 20/04/2012.
- AMORIM, F. **Heróis nos tempos de guerra**, 2008. Disponível em <www.felipedemamorim.opsblog.org> Acesso em: 20/04/2012.
- CASTRO, R. P. **Globalização**, 2009. Disponível em: <www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/glo.html>. Acesso em: 01/02/2013.
- CHIRONE, R. **Watchmen e as Relações Internacionais**, 2009. Disponível em: <www.riaufrf.blogspot.com>. Acesso em: 01/02/2013.
- CINEPLAYERS. **Minha Terra, África**, 2009. Disponível em: <www.cineplayers.com>. Acesso em: 20/12 /2012.
- COSTA, R. D. **Um espelho de príncipes artístico e profano: a representação das virtudes do Bom Governo e os vícios do Mau Governo nos afrescos de Ambrogio Lorenzetti (c.1290-1348) - análise iconográfica**, s.d, Disponível em: <www.ricardocosta.com>. Acesso em: 01/02/2013.
- DA MOTA, C. **V de Vingança: Uma bomba contra o sistema**. Disponível em: <www.pstu.org.br>. Acesso em 02/03/2013.

DE ABREU, C. G. **O heroísmo norte-americano em *Independence Day* e Guerra dos Mundos**, s.d. Disponível em: <[www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(12\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(12).pdf)>.

Acesso em: 23/12/2012.

DE ANGELO, V. A. **11 de setembro de 2001: O maior atentado terrorista de todos os tempos**, 2011. Disponível em: <www.educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/11-de-setembro-de-2001-o-maior-atentado-terrorista-de-todos-os-tempos.htm>.

Acesso em: 02/03/2013.

DE CASTRO, R. C. R. **A Iconicidade Recorrente: O Objeto de desfiles de carnaval do Rio de Janeiro e as reminiscências dos cortejos monárquicos**, 2007. Disponível em: <www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/04.pdf>. Acesso em: 20/12/2012.

DE FREITAS, E. **O sistema de castas na Índia**, 2010. Disponível em: <www.brasilecola.com/geografia/o-sistema-castas-na-india.htm>. Acesso em: 02/03/2013.

DIAS, Reinaldo. **Um tema emergente nas Relações Internacionais: A paradiplomacia das cidades e municípios**. Disponível em: <www.ambito-juridico.com.br> Acesso em 10/03/2012.

- FERNANDES, J. A. D. C. **Globalização e racismo**, 2006. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br>. Acesso em: 23/03/2013.
- FERREIRA, Wilson. **Em “Argo” os EUA elogiam sua principal arma:** a ilusão. Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/em-argo-os-eua-elogiam-sua-principal-arma-a-ilusao>> Acesso em 10/03/2013.
- GHIROTTI, J. **Heavy Metal: A história da revista em quadrinhos adultos mais importante do mundo**, 2012. Disponível em: <www.historiaimagem.com.br>. Acesso em 10/02/2013.
- GULBENKIAN, A. **Globalização cultural: imperialismo ou diversidade?**, 2007. Disponível em: <www.cadernosociologia.blogspot.com.br/2009/04/globalizacao-cultural-imperialismo-ou.html>. Acesso em: 20/02/2012.
- HENRIQUE, G. **Ensaio sobre o pós-colonialismo nas RI**, por Celso Henrique, 2009. Disponível em: <www.mundialistas.com.br/blog/index.php/ensaios-sobre-o-pos-colonialismo>. Acesso em 14/02/2013.
- HUNTER, Pedro. **X-Men: Deus ama, o homem mata**, 2003. Disponível em: <www.omelete.uol.com.br>. Acesso em: 20/01/2013.
- LEITE, S. F. **Um pouco de malandragem - A visita de Walt Disney ao Brasil com o intuito de expandir e consolidar a política de boa**

vizinhança americana daria origem ao Zé Carioca e a um amplo leque de influências culturais e políticas, 2010. Disponível em: <www.uol.com.br>. Acesso em: 10/03/2013.

MARIANI, E. J. **A trajetória da implementação do Neoliberalismo**, 2007. Disponível em: <www.urutagua.uem.br>. Acesso em: 21/02/2013.

MARTINI, R. A. **Contra o método de Paul Feyerabend**, 26/08/2009. Disponível em: <www.essametamorfose.blogspot.com.br>. Acesso em: 20/04/2012.

MEIBAK, A. **Liberalimo**, 2011. Disponível em: <<http://imaginariocritico.blogspot.com.br>>. Acesso em: 10/02/2013.

MENDES, M. M. **Gênero e Relações Internacionais**, 2011. Disponível em: <www.bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/1997/1/2011_MarinaMacedoMendes.pdf>. Acesso em: 14/02/2013.

MIGUEL, V. V. R. **A perspectiva realista na teoria das relações internacionais**, 2010. Disponível em: <www.jus.com.br>. Acesso em: 12/01/2013.

MOURA, R. “A cidade vigiada. The Truman Show, de Peter Weir, 1998 (1)”. **Arquitextos**, ano 5, outubro, 2004. Disponível em:

<www.vitruvirus.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/534>.

Acesso em: 12/01/2013.

PEREIRA, R. **Provocante Revolução Sexual: O Efeito Cinquenta Tons.** Disponível em: <<http://finilla.com.br/provocante-revolucao-sexual-o-efeito-cinquenta-tons>> Acesso em 12/03/2013.

RAMOS, F. P. **O Congresso de Viena e o concerto europeu: 1815-1878,** 2010. Disponível em: <www.fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2012/04/o-congresso-de-viena-e-o-concerto.html>. Acesso em: 20/01/2013.

REDONDO, J. V. **O Segredo por detrás das Alianças,** 22/08/2010. Disponível em: <www.osnaoalinhados.wordpress.com>. Acesso em: 13/01/13.

RODRIGUES, A. **Saiba mais sobre os esquimós,** 2010. Disponível em: <www.guiadoestudante.abril.com.br>. Acesso em: 10/03/2013.

SALVADOR, R. **V de Vingança** (mas pode ser de revolução, liberdade política, contestação e muito mais), 2012. Disponível em: <www.entrementes.com.br/2012/08/v-de-vinganca-mas-pode-ser-de-revolucao-liberdade-politica-contestacao-e-muito-mais/>. Acesso em: 12/03/2013.

SILVA e LIMA, Guilherme Augusto e Jonatas Pinto. **A Política de Boa Vizinhança e a influência cultural estadunidense na**

América Latina. Disponível em:
<<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n2/pdf/politicadeboavizinhanca.pdf>> Acesso em 10/03/2013.

SRBEK, W. **Ronin**, o mangá futurista de Frank Miller, 26/01/2008.
Disponível em: <www.maisquadrinhos.blogspot.com.br>.
Acesso em: 13/01/13.

VIEIRA, M. M. F e CALDAS, M. P. **Teoria crítica e pós-modernismo**: principais alternativas à hegemonia funcionalista, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v46n1/v46n1a06.pdf>> Acesso em: 13/01/2013.

LIVROS

BISKIND, P. **Como a geração sexo, drogas e Rock'n'Roll salvou Hollywood**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2011.

CAMARGO, J. F. **Mídia e Relações Internacionais**: Lições da invasão do Iraque em 2003. Curitiba: Editora Juruá, 2009.

FEYERABAND, P. **Contra o Método**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.

HOBSBAWN, E. J. **A Era do Capital**. 3 Edição. Tradução Luciano Costa Neto.

- JAMES, E.L. **Cinquenta Tons de Cinza**. Londres: Editora Intrínseca, 2012.
- JANSON, H. W. **A Nova História da Arte de Janson: A tradição ocidental**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- LARAIA, R. B. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LASCH, C. **O mínimo eu – sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo. Brasiliense, 1986.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Central**. Editora Abril, 1978.
- MILLER, F.; JANSON, K. **Batman – O Cavaleiro das Trevas**. São Paulo: DC Comics/Abril, 1987.
- MORAIS, R. **Cultura Brasileira e Educação**. Campinas: Papyrus, 1989.
- NOGUEIRA, J. P.; MESSARI, N. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- RESENDE, E. S. A. **A crítica pós-moderna/pós-estruturalista nas Relações Internacionais**. Boa Vista: Editora UFRR, 2011.
- RUESCAS, Jesus. **História Geral**. São Paulo: Sivadi Editorial, 2007.
- SARTAPRI, M. **Persepolis**. Rio de Janeiro: Companhia de Letras. 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. **World System Analysis. An Introduction**. London: Duke University, 2004, 109 p.

WEBER, C. **International Relations Theory: A critical introduction**. New York, Editora Routledge, 2010.

REVISTAS E PERIÓDICOS

AGOSTINELLI, Alexandra Coppi. **Cultural diplomacy and the concept of the other**. The International Conference on Cultural Diplomacy & the UN. New York & Washington, D.C., 2012.

BURNS & DEVILLE, Tom R. e Phillipe. **Teorias do Sistema Dinâmico – Teorizações sobre o capitalismo e sua evolução**. Sociologia, problemas e práticas, número 50, 2006.

CLAREMONT, C.; ANDERSON, B. E. **X-Men – O Conflito de uma Raça**. São Paulo: Marvel Entertainment Group, 1986.

LEWIS, C.. “**A is for Anarchy, V is for Vendetta: Images of Guy Fawkes and the Creation of Postmodern Anarchism**”. *Anarchist Studies*, n. 16, vol. 2, 2008.

MERCHANT, V.; KELLY, S. **Heavy Metal**, volumes 35, 38 e 40. Nova York: Metal Mammoth, 1978.

MILLER, F. **Ronin**. São Paulo: DC Comics/Abril, 1988.

- MOORE, A.; GIBBONS, D. **Watchmen**. São Paulo: DC Comics/Abril, 1989.
- MOORE, A.; LLOYD, D. **V de Vingança: Edição Especial**. Barueri: Editora Panini Brasil, 2006.
- SADDIKI, Said. **El papel de la diplomacia cultural em las relaciones internacionales**. Revista Cidob d'Afers Internacionals, número 88, 2009.
- SANTOS, R. E. **“O Caos dos Quadrinhos Modernos”**. Comunicação e Educação, n. 2, janeiro/abril, 1995.
- VAUGHAN, B. K.. **Y: The Last Man**, volumes 1, 5, 23 e 50 . São Paulo: Opera Graphica, 2009.
- VOIGT, Márcio Roberto. **A Teoria dos Sistemas Mundo e a Política Internacional. Uma abordagem alternativa das Relações Internacionais**.
- ZIEGLER, Rolf. **The Kula Ring of Bronislaw Malinowski: Co-evolution of an economic and Cerimonial Exchange System**. Institute of Sociology, Ludwig-Maximilians-Universitaet Muenchen, Germany, 2012.

SOBRE OS AUTORES

SOBRE OS AUTORES



Lucas Brilhante Veloso é bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Entre 2012 e 2013, foi bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tem atuação na área de Relações Internacionais, com ênfase nos temas de História da Arte, Política de Estado, Cinema, Quadrinhos e Crítica pós-moderna. Email para contato: lastlucas2@gmail.com.

SOBRE OS AUTORES



Elói Martins Senhoras é economista e cientista político, especialista, mestre, doutor e post-doc em Ciências Jurídicas. É professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR) no Departamento de Relações Internacionais (DRI) e nos Programas de Mestrado em Geografia (PPG-GEO), Sociedade e Fronteiras (PPG-SOF) e Desenvolvimento Regional da Amazônia (PPG-DRA). Email para contato: eloisenhoras@gmail.com.

COLEÇÃO

Comunicação & Políticas Públicas

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

O Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), está à frente do selo coleção “Comunicação & Políticas Públicas” e recebe propostas de livros a serem publicados em fluxo contínuo em qualquer período.

O texto deverá ter uma extensão de no mínimo de 40 laudas e no máximo 90 laudas configuradas obrigatoriamente em espaçamento 1,5, letra Times New Roman e tamanho de fonte 12. Todo o texto deve seguir as normas da ABNT.

Os elementos pré-textuais como dedicatória e agradecimento não devem constar no livro. Os elementos pós-textuais como biografia do autor de até 10 linhas e referências bibliográficas são obrigatórios. As imagens e figuras deverão ser apresentadas em arquivos separados, de maneira que ao longo do texto do livro sejam apenas indicados os espaços onde serão inseridas. As imagens deverão ser nomeadas e numeradas conforme os espaços indicados no texto.

A submissão do livro deverá ser realizada por meio do envio online de arquivo documento (.doc) em Word for Windows 6.0 ou versão mais recente. O autor ou autores devem encaminhar para o e-mail nupsbooks@gmail.com três arquivos: a) formulário de

identificação do autor e da obra, b) livro com sumário no formato Word for Windows 6.0 ou versão mais recente, e, c) via escaneada de carta de autorização assinada pelo (s) autor (es) atestando que cede(m) seus direitos autorais da obra para a editora da Universidade Federal de Roraima.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Coleção “Comunicação & Políticas Públicas”

Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS)

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Campus Paricarana

Bloco 1. Sala 179. Av. Cap. Ene Garcez, n. 2413.

Bairro Aeroporto. Boa Vista, RR.



+ 55 (95) 8116-5199 /



nupsbooks@gmail.com



www.livroeletronico.net

